

# O INÍMIGO DO REI

salvador, ba., edição bimensal, nº6, ano3, julho & agosto -1979, cr\$ 15,

enfim um jornal antimonarquista

## exclusivo O TESTAMENTO POLÍTICO DE SARTRE

«Nos meus amigos anarquistas  
que eu tanto desprezava  
injustamente  
e a memória do meu amigo Camus.»  
págs. 10 e 11

## AUTOGESTÃO-IV

págs. 17 e 18

## MARGINALIDADE

pág. 7

capa: carlos a. rodrigues

# A anistia para os herzog(s) dos pobres e sobre o plural "abaixo as ditaduras"

O assassinato do servente Aézio da Silva Fonseca numa delegacia do Rio de Janeiro foi capaz de sensibilizar até mesmo o Rei que, de Brasília, determinou a abertura do clássico inquérito em que a Polícia é encarregada de investigar os seus próprios crimes.

O assunto não saiu das páginas policiais. Nenhum organismo oficial das anistias se manifestou por esta vida de um operário que ganhava Cr\$ 3 mil por mês, marido de uma doméstica, que recebeu da Polícia a notícia de que Aézio havia se suicidado... com uma calça.

Lembram-se do caso Herzog? Pois, é. Naquele episódio quase cai um governo e o Estado terminou por admitir o assassinato. Mas acontece que Herzog era um homem de alta classe média, um cidadão israelita, envolvendo uma comunidade que lida com milhões e milhões de dólares em todo o mundo. Num contexto de barganhas internacionais, o cadáver de Herzog terminou por ajudar uma anistia que só atende àqueles dispostos a confessar que, de agora por diante, serão bem comportados. E os

chamados presos comuns, não são por acaso formados de cabeça, tronco e membros? Ou as esquerdas, que pedem "prisão especial" para os seus presos de classe média e da burguesia, usam dois pesos e duas medidas para analisar um só fenômeno. Enfim, os Herzog (s) dos pobres, os negros, as minorias, continuam lançadas à cadeia ou aos pelotões de fuzilamento (como no Irã) pelo único fato de divergirem dos detentores do Poder.

Não pode mais a esquerda negar que sua proposta de abaixo a ditadura tem um endereço certo, qual seja, o de substituir uma ditadura por outra. Assim não fizeram em Cuba? Em Praga e em Budapeste? Daí a proposta da Federação Livre Estudantil, durante a reunião dos estudantes em Salvador: "Abaixo as ditaduras". Pluralizou-se um lema que vinha servindo aos interesses de demagogos e políticos aparentemente autênticos de todo o jaez. A proposta contra as ditaduras é universal, eterna no tempo e infinita no espaço. Pelo menos enquanto os povos de todo o mundo estiverem submetidos à ditadura do

Estado. E ela está presente nas fronteiras, ou além delas, no Mar da China, só para um exemplo atual, onde milhares de refugiados vagam à espera da morte, em barcos itinerantes pelos países asiáticos, expulsos do Vietnã pelo crime de serem de origem chinesa e pelos interesses das grandes potências em explorar a perseguição segundo os seus objetivos propagandísticos. Hanói, por orientação de Moscou, repete Hitler: os refugiados deverão, primeiro sair e depois morrer para que não haja dúvidas de que a raça possa soerguer e fazer um ajuste de contas. Portanto "la anarquía-esa sociedad sin poderes de lá que Sartre es partidário — debe ser también aquello que, en cada país, se realiza en esa mano tendida a los naufragos del mar de la China".

O sonho democrático não pode morrer. Ele se realiza em sua plenitude numa sociedade libertária. Não se esgota nos limites de uma mera volta às tribos. E deste modo é uma realidade que se constrói, cresce e renascerá das cinzas de quaisquer repressões, sejam rotuladas de direita ou de esquerda.

Enfim um jornal  
fichado na CIA,  
KGB e suas  
respectivas  
sucursais.

Aviso aos Srs. pais  
de família:  
este número não  
contém nada  
sobre bichas.

## O INIMIGO DO REI

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio:  
Jorge Roberto de Sá, Carlos Augusto Rodrigues, Lucinha Lins, Augusto César Maia, Nilma Damasceno, Cláudio Miranda, Tonho Starteri, José Onofre, José Liberatti, Sérgio Garcia Guerra, Antônio Fernandes Mendes, Aurélio Vellame, Kátia Regina Borges, Lídio Barros, Ricardo Líper, Artur de Piero Gouveia, João Carneiro, Alexandre Ferraz, Antonio Carlos Pacheco e Pedro Pacifico.  
Correspondentes para a Europa: Sebastião Santa Rosa (Madrid) e Alfredo (Paris).  
Nº 6. Publicação da Editora e Livraria A. Preço do exemplar avulso: Cr\$ 15,00. Assinatura anual de colaboração: Cr\$ 100,00. Exterior: US\$ 20,00. Correspondência: Caixa Postal 2540. Salvador, Bahia-Brasil — CEP 40.000.

### AOS ASSINANTES:

1. Não chegando qualquer dos números do jornal, favor avisar-nos para que possamos providenciar.
  2. Comunicar-nos qualquer mudança de endereço.
- Composto e impresso na Gráfica Editora Jornal do Comércio — Rua do Livramento, 189 — Tel.: 243-7671, Rio de Janeiro.

## Jornalistas d'O Inimigo do Rei também são jornalistas

Aos Colaboradores. A quem quiser escrever para O INIMIGO DO REI:

Nós somos o único jornal autogestionário do Brasil. Isso significa que todas as pessoas que aqui escrevem estão em pé de igualdade e não sofrem censuras de "conselhos editoriais" iluminados.

Entretanto, o critério para escrever para este jornal é assumir-lo e trabalhar braçalmente por ele. Vendê-lo de mão em mão, suportar as exaustivas reuniões etc. Não estamos atrás de níveis nos artigos. Isso é censura da criatividade.

Por outro lado, não estamos dispostos a trabalhar para divulgar textos de pessoas (por mais "geniais" que sejam) sem que elas dêem a sua quota de trabalho. Se assim não fosse, O INIMIGO DO REI não seria um jornal autogestionário. Seríamos um grupo que trabalha e, à sua volta, um grupo "vaidoso" que gosta de ver suas "obras" literárias publicadas e, de maneira burguesa, explora o pessoal autogestionário.

Em resumo: não fazemos distinção entre o trabalho intelectual e braçal. Os jornalistas do INIMIGO DO REI são também jornalistas.

## Fon contra o Estado

"(...) A grande revolução (social) ainda está para ser feita".

"(...) Acho que o dom mais precioso do homem, é a liberdade. Não acredito que nenhum Estado possa preservar a minha liberdade, a nossa liberdade, sabe? O Estado detém o monopólio da força para forçar, claro. E o homem não precisa e nem deve ser forçado a coisa nenhuma, porque o homem, é antes de tudo, um ser bom. Agora, por uma contingência, ele acaba se desvirtuando. Eu ainda acredito no Ser Humano. A grande revolução a ser feita deve ensinar o homem a voltar a ser bom".

Foi o que declarou Antônio Carlos Fon, jornalista da Veja, que se afirma "anarquista histórico", em interessante entrevista concedida ao Pasquim nº 514, de 4 a 10 de maio de 1979, e intitulada "Os Porões da Repressão".

## OPINIÃO DA IMPRENSA

### A galatéia proletária

É curioso observar a agilidade com que o sistema absorve muitas das coisas que, originalmente, pareciam destinadas a contestá-lo. Os inimigos do capitalismo estão permanentemente a apontar-lhe as fraquezas, mas esquecem de sua força. E esta, a cada minuto, se manifesta mais brutalmente. Talvez a forma mais brutal dessa manifestação seja a transformação de tudo em objeto de consumo, de hábitos a pessoas, sem distinção. E aquilo que é transformado em objeto de consumo passa, de maneira inexorável, a submeter-se às leis de um mercado permanentemente sequeioso de novidades e capaz de oferecê-las no mesmo ritmo dos eletrodomésticos.

Assim acontece, por exemplo, com Lula, o metalúrgico, que, visivelmente, se transforma, cada dia mais, no equivalente brasileiro dos militantes americanos, que, na década de 60, ajudavam a expiar a culpa do vasto contingente dos radical chic, insultando-os nas recepções que eles mesmo ofereciam a esses militantes. Tratava-se de um exercício de masoquismo aceitável e desejável, por aqueles que se comprazem em pagar o preço necessário para continuar a ostentar o rótulo de intelectual de esquerda.

Essa esquerda de direita, da qual o Brasil abunda e a qual fica particularmente assanhada, toda vez em que pode transformar um líder operário ou estudantil de "Amiga", já vem contribuindo fortemente para fazer de Lula a Galatéia do nosso capitalismo primitivo e o pelourinho aonde todos os que se sentem culpados vão ser fustigados pelas verdades do trabalhador. Essa nova entidade criada exerce funções importantes. No Nordeste, onde esteve

recentemente, falando mal da imprensa, dos intelectuais e de quem mais o ouça com delírios de "me bata, me bata", ele impressiona pouco, mesmo porque à miséria já estamos todos acostumados há séculos e o salário que Lula recebe em São Paulo seria visto como nababesco pela massa que aqui passa fome desde que o Brasil começou. O fato de que uma greve de metalúrgicos em São Paulo mobiliza, justificadamente, o País não significa que os nordestinos não encarem seus milhões como mais importantes do que os milhares do Sul, embora seu desemprego não represente baque algum para as vendas do baú da felicidade e outras instituições para as quais os salários dos trabalhadores são vitais.

Não houve líder algum nordestino tão glamorizado quanto Lula. Uma das razões para isto é que os líderes nordestinos geralmente morrem antes de poderem praticar o exercício psicanalítico de Lula — já candidato à Presidência da República, no ver da intelectualidade mais trêfega e mais ignorante — e seus divulgadores, os privilegiados arrependidos.

De novo, a chamada esquerda enveredada pelo já seguro caminho da direita. Cria todas as condições para a absorção das lideranças operárias, chama Lula para a elite, à qual, naturalmente, ele já pertence, não importa a charme de oficina que possa exsudar, para quem nunca esteve numa oficina. O Brasil não precisa de um George Meany. E Lula, esta Galatéia do capitalismo deslumbrado e da imprensa cujo padrão é o New York Times, está sendo preparado para ser o nosso George Meany. Bom proveito. J.U.R.

(Transcrito da Folha de São Paulo)

# TERIA SIDO "O LULA" PICADO PELA MOSCA AZUL?

## CONCORDANDO COM O LULA

No 1º Seminário Trabalhista Nacional do MDB, realizado em Crisúma — cidade do carvão, mosquitos e doenças pulmonares — fez Luiz Inácio Silva, o "Lula", contundentes afirmações, divulgadas pela Tribuna da Imprensa de 16.5 e com as quais estamos inteiramente em concordância e abaixo transcrevemos:

1. "Se houver algum policial aqui (refere-se ao local do Seminário) que seja honesto no seu relatório. Pagamos caro demais por falsos relatórios. Faça trinta segundos de reflexão e se sinta também como um assalariado. Portanto, faça um trabalho honesto."

2. "O problema do povo brasileiro só vai ser resolvido quando todos criarmos vergonha na cara e resolvermos lutar de verdade".

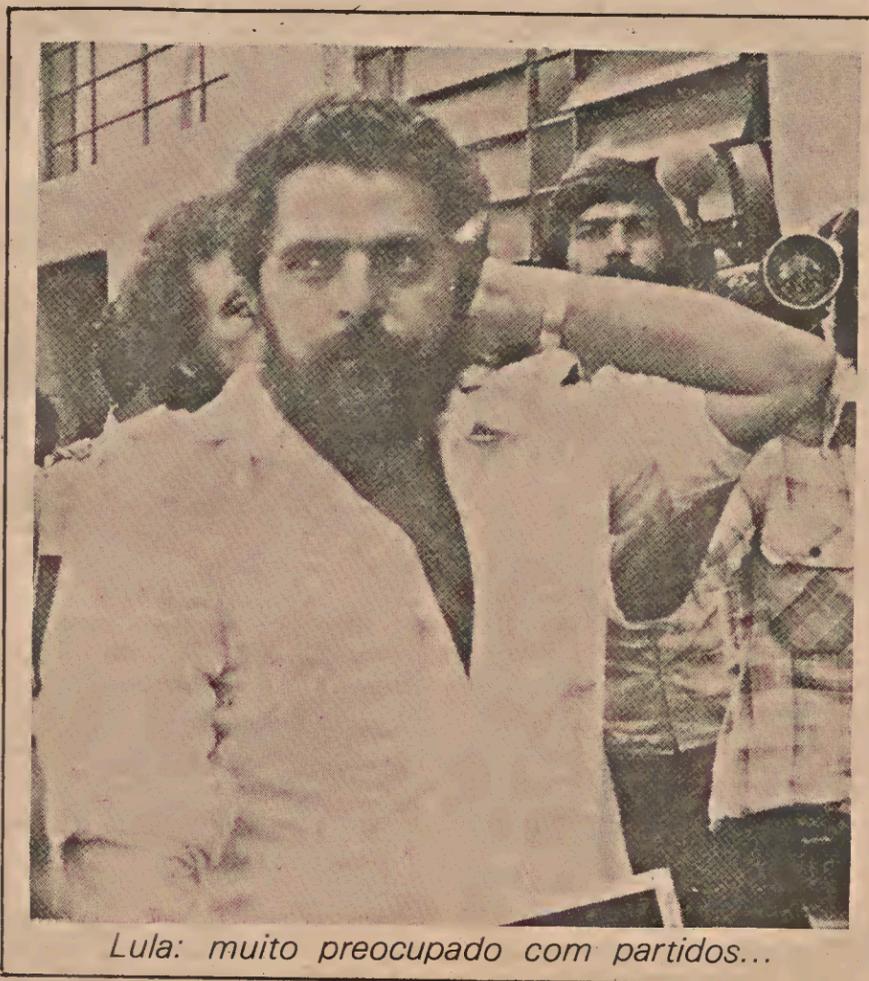
3. "A política do governo teve uma coisa boa: uniu pela miséria todos o que ganham salário no Brasil".

4. "Os dirigentes sindicais têm um defeito: não definem tudo o que querem. Falam sempre pela metade (inclusive o próprio Lula — NR). É preciso definir tudo."

5. "O operário não briga para ser mandado embora. E acaba sendo mandado embora. Pois fiquem sabendo que mais valem as lágrimas de uma derrota do que a vergonha de não haver lutado."

6. "Não devemos lutar mais pelo direito de greve. Já provamos que não se luta por direito de greve. Faz-se a greve!"

7. "A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) é o AI-5 do tra-



Lula: muito preocupado com partidos...

balhador. Não existe sindicato bom e ruim. Existe categoria que quer mudar e categoria que não quer mudar. Eles morreram em Chicago (os mártires anarquistas), século atrás, para que trabalhássemos 8 horas. E estamos trabalhando 14 horas. Por quê? porque não temos vergonha na cara. O trabalhador ain-

da não percebeu que cada hora extra que ele faz ele está tirando um prato de comida dos filhos de outro que não trabalha porque ele faz horas extras."

8. "Não esperemos que o governo e os patrões fiquem bons. Quem faz hora extra deixa de fazer um carinho no filho, na mulher, para fazer carinho no patrão. Chegou, no Brasil, a

hora da verdade. Chegou o momento de pôr as cartas na mesa. O momento é de criar vergonha na cara e mudar as regras do jogo."

## DISCORDANDO DO "LULA".

É patente que alguma mosca azul já picou a epiderme de "O Lula". O badalado Partido dos Trabalhadores tem sido uma preocupação constante em seus pronunciamentos. Ainda agora em entrevista para o jornal Em Tempo nº 65, 25 a 31 de maio, voltou a destacar que o "partido dos assalariados", não pode excluir estudantes, setores da Igreja, profissionais liberais etc.

Então, chega-se a uma conclusão lógica: o dito partido estará apoiado na massa trabalhadora e dirigido pela intelectualidade burguesa, como sempre aconteceu em todas as épocas. O Partido dos Trabalhadores é apenas mais um rótulo para tapear os trouxas e deslumbrados. E "O Lula" deve estar muito consentido deste fato, tanto assim que agora vem com um papo bem amolecido de que existe um grupo de políticos dentro do MDB que deveriam participar das discussões sobre a formação do partido.

Parece que os caminhos do "O Lula" começam a se delinear. Diz Sartre, em entrevista a Em Tempo, que: "O partido é para mim uma forma crescentemente superada de relações entre os homens, é uma relação falsa!"

Estará Inácio da Silva fomentando esse tipo de relação? Será que já estamos em condições de responder "Qual é a de "Lula"?"

a) Antonio Cavoqueiro

## Tirar partido dos trabalhadores?

"E QUE, ENFIM, NA HISTÓRIA SE PRODUZA UMA REVOLUÇÃO QUE CUIDE DAS NECESSIDADES DO POVO ANTES DE LHE ENSINAR A LIÇÃO DOS SEUS DEVERES"

Kropotkin — A Conquista do Pão

É generalizada hoje, no Brasil, a discussão em torno do direito da classe trabalhadora de participar da vida política nacional. Esta discussão tem apresentado duas tendências distintas; por um lado, a tentativa de encampação desta luta por parte da intelectualidade socialista de variados matizes. Por outro, a das lideranças sindicais trabalhadoras em criar uma atividade política autônoma, gerada e assumida pela própria classe operária.

Ambas as tendências, porém, convergem para um único ponto: a crença generalizada na representatividade parlamentar como meio de emissão do posicionamento operário em relação ao complexo sócio-político-econômico que compõe a feição constitutiva do Estado.

Esta questão levanta, inicialmente, a evidência da crescente desconfiança dos operários brasileiros em relação às elites intelectuais e políticas que por sua vez, insistem em pretender adotar a postura de núcleo dirigente da classe trabalhadora.

A surpresa atônita destas elites, inconformadas em não obter dos trabalhadores a submissão a que estavam acostumadas, não lhes permite lembrar que toda a história recente dos movimentos revolucionários em todo o mundo foi marcada pela descrença dos "partidos operários" na capacidade criadora e autogestionária das massas. De fato, toda a teoria do partido dirigente defendida por Lenin caracteriza-se pela subestimação da consciência espontânea do

povo trabalhador, estabelecendo expressamente que ao partido é atribuído o papel de "agente consciente de um processo inconsciente". A reação atual do proletariado brasileiro, sua desconfiança, tem origem precisamente no fato de que a classe trabalhadora, observando o desenrolar dos acontecimentos nos países que fizeram do socialismo a sua bandeira, não constataram no desempenho dos partidos dirigentes nada que justificasse a sua confiança. Pelo contrário, viram seus irmãos de classe terem suas iniciativas tolhidas, seus impulsos revolucionários contidos, suas opiniões minimizadas, sua independência brutalmente reprimida; seus sindicatos atrelados ao Estado, sua missão histórica, enfim, eternamente adiada.

É claro que paralelamente à descrença nos partidos "operários" se localiza o descrédito ainda maior pelos partidos políticos tradicionais, de tendências conservadoras, esquerdistas e centro-esquerdistas. Tais partidos possuem vasta biografia de carreirismos e traições aos interesses do eleitorado operário. De modo que o posicionamento atual do proletariado brasileiro significa uma dupla reação: por um lado paga a subestimação dos partidos "operários" com a mesma atitude de desconfiança. Por outro lado, repudia os maneios politiqueros dos partidos mais evidentemente burgueses. Não obstante, o que à primeira vista parece ser uma tomada de consciência do trabalhador com relação ao caráter inevitavelmente reacionário de todo e qualquer partido político, se transforma na tendência de que um partido constituído exclusivamente por trabalhadores superará a desconfiança. Julgam que os interesses da classe terão destino assegurado nas mãos de gente identificada profissionalmente com a massa operária. Já não haverá burgueses e políticos demagógicos veiculando suas reivindicações. Serão agora operários como eles, gerados no próprio seio da classe.

Basta saber como será possível a estruturação de uma agremiação partidária, mesmo exclusivamente

trabalhadora, sem reeditar os mesmos mecanismos centralistas e burocratizantes inerentes a todo partido político. Com efeito, tudo parece levar a crer que na ânsia de se livrar das peias dos artifícios manipuladores dos políticos, os trabalhadores se esquecem que a formação de um partido dos trabalhadores será inevitavelmente absorvida pela legislação estatal que regulamente a existência de partidos políticos. Isto significa que os deputados operários serão elcados à condição de assalariados do Estado, com salários em muito superiores ao que percebiam quando simples operários. Seu campo de ação já não será as fábricas, mas o ambiente adulador dos parlamentos. Seu meio de convívio, conseqüentemente, será outro. Terão seus gabinetes particulares, seus subalternos, enfim, todas as mordomias previstas e custeadas pelo Estado visando a moderar-lhes a linguagem e condicioná-los a um elevado padrão de vida.

Naturalmente, não se trata de negar o caráter partidário das lutas operárias. Este é, aliás, um ponto plácido e nunca é demais procurar esclarecê-lo. Na conhecida resposta de Trotski a um artigo de Louzon, este problema foi levantado tendo Trotski procurado refutar a afirmativa dos anarquistas de que o movimento operário não deveria atrelar-se a nenhum partido político sob pena de ter seus verdadeiros objetivos emancipadores obstruídos pela burocracia partidária. Trotski sustentou, muito habilmente, que a atitude sindical era impenitentemente partidária e que, portanto, os sindicatos constituíam efetivamente partidos políticos. Apontou a formação de lideranças (minorias ativas) dentro dos sindicatos como evidência do sintoma caracteristicamente partidário dos sindicatos. Ora, está claro que as atividades sindicais assumem caráter partidário. Isto é inegável, porquanto os sindicatos tomam o partido de uma determinada causa. Há, porém, imensa distância em condicionar as lutas sindicais a um organismo partidário de feição

profissional, dotado de todo um aparato hierárquico e sujeito às orientações ditadas pela cúpula partidária. Não parece haver dúvidas de que a crítica dos anarquistas não se dirige à atividade política, positiva e natural, dos sindicatos, mas, sim às tentativas de certos grupos de atrelar a militância sindical aos imperativos táticos ditados por um partido constituído hierarquicamente, organizado de forma a gerar cargos de chefia e a abrir caminho ao centralismo administrativo.

A classe operária brasileira necessita, sobretudo, reavaliar criticamente as suas origens. Submeter suas raízes mercadamente libertárias a um processo crítico de atualização histórica, para que seja possível retomar a direção autônoma e independente que tem nos postulados básicos do anarco-sindicalismo a sua indiscutível autenticidade histórica. Somente assim, acreditamos, terá condições de identificar nos partidos políticos a fonte geradora da formação do poder pessoal, das lutas internas, das hegemonias impostas por grupos e das formações de lideranças carismáticas.

O ponto de vista dos socialistas libertários, embasados na Experiência histórica que fundamenta o seu posicionamento, prevê que o movimento sindicalista brasileiro, ao assumir feições de partido político legalmente constituído, será envolvido por novo grupo de oportunistas dissociados gradativamente da classe trabalhadora e afeitos a adotar atitudes que não cheguem a irritar demasiadamente os que detêm o poder. Enfim, uma nova casta de políticos que pregará medidas conciliatórias que, sem pôr em risco os privilégios providencialmente outorgados pelo Estado, não deixe de manter no trabalhador a ilusão de que, afinal, utilizou bem o seu voto. (Veja ainda página 14 e 15).

JORGE ROBERTO DE SA

# O TERCEIRO INIMIGO NA GUERRA CONTRA FRANCO

A admirável obra de José Peirats La C.N.T. en la Revolución Española, sólida e documentada, revela-nos hoje, sem a menor dúvida, que, no glorioso rebatê à revolução fascista de Franco, três pavorosos inimigos se conluíram para vencer a resistência popular, encarnada sobretudo na Confederação Nacional de Trabalhadores e nos anarquistas da Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.)

O primeiro inimigo era a burguesia totalitária, representada na Espanha pela casta militar falangista e pela Igreja Católica. Defendiam os seculares privilégios dos grandes possuidores da península.

O segundo inimigo era o capitalismo internacional em sua feição fascista e nacional-socialista, representado por Mussolini e Hitler. Estes mandaram para a península soldados e armas abundantes. Junto a eles, muito menor, mas eficiente, o português Salazar.

O terceiro inimigo, o mais perigoso, o mais destruidor, o mais infame na ferroteira da resistência popular, foi o Partido Comunista soviético, implantado no próprio território dos contrarrevolucionários, atuando sob a capa de aliado, porém sistematicamente apostado na eliminação, em vasta escala, dos principais homens da C.N.T.

O capítulo 35, no terceiro volume, deveria ser lido e meditado pelos anarquistas de todo o mundo como lição preciosa para o presente e para o futuro.

Esse capítulo intitula-se El terror en los frentes. Leia os anarquistas estes subtítulos dos parágrafos: Denúncias ao ministro de Defesa sobre assassinios nas frentes. Ata de uma reunião de militares comunistas em que se combinou o extermínio dos adversários políticos. — Das palavras aos fatos. — Vários casos de assassinios. — A covarde matança de Turón. — Documento oficial sobre esse crime coletivo. — Novos assassinios em série. — O caso de José Meca, Juan Hervás e Jaime Trepát. — A política terrorista na Saúde Militar. — Misteriosos falecimentos nos Hospitais de Sangue. — Para a conquista da 175.ª brigada. — Campanha sistemática de extermínio. — Os grupos Durutti da 36.ª Divisão fazem causa comum com seus irmãos atronelados. — Conquista definitiva da Brigada.

Este é o primeiro documento, tirado do antigo arquivo do Movimento Libertário Espanhol. É o informe do Comitê Peninsular da F.A.I. ao plenário do Movimento Libertário do mês de outubro de 1938. Diz assim:

“Do indiscutível predomínio que ganhámos na direção da guerra contra o fascismo, passamos à categoria de simples carne de canhão...”

“... Muitas vezes temos ouvido de lábios de companheiros que se arrogam especial dom de responsabilidade: “Se os companheiros soubessem da verdade do que ocorre, impossível seria a continuação da guerra”. O mesmo critério que sustentava Frederico o Grande da Prússia: “Se meus soldados soubessem ler, ninguém ficaria nas fileiras”.

“... Neste momento, já poderíamos assinalar casos de companheiros que, sem defesa na organização, encurralados em seus postos de primeira linha, optaram por aceitar a caderneira do Partido Comunista. Isso parece-nos sintoma de excessiva gravidade.

“Nossos companheiros têm a impressão de que ninguém os atende, de que se deixa livre curso à nefasta política do Partido Comunista. Não se trata de uns tantos casos, senão de milhares e milhares de camaradas que confessam sentir mais temor de serem assassinados pelos adversários de ao lado, do que de serem mortos em luta com os inimigos da frente...”

Aos 25 de março de 1938 a Seção de Defesa do Comitê Nacional da C.N.T. remeteu ao Governo longa série de documentos comprobatórios das tropelias do P. C. na frente de batalha com uma carta de que trasladamos um tópico. Nêle pede a C.N.T. providências enérgicas contra as vilas



nias do terceiro inimigo, o Partido Comunista:

“Nossa advertência é séria e nossa disposição para que se faça justiça firmemente categórica. São de tal natureza os fatos, que sinceramente pensamos que nos ouçam e atendam. E esse pensamento nos leva a evitar-nos exacerbações que consideramos um mal para a guerra”.

O primeiro documento enviado ao Ministro da Defesa (comunista) foi a cópia de uma ata de uma reunião de militares do P. C. Nessa reunião ficou estabelecida a campanha destrutiva, antes de tudo, do Movimento Libertário Espanhol, isto é, dos anarquistas, justamente daqueles que tinham salvo a Espanha, de Franco. Na reunião, propõe o sargento comunista Martín Galdós a eliminação do comissário do batalhão 565 porque não lhe permite propaganda política e fala sempre em nome do governo republicano. Isso foi apoiado pelo comandante Menéndez que informou haver nesse batalhão 565, muitos anticomunistas, sendo coisa essencial a eliminação do comissário. Da mesma opinião se manifestam o tenente-chefe do batalhão e o tenente José Pérís. Toma a palavra o chefe do Estado Maior A. Merino que assim resume o plano por ele recebido para propaganda comunista:

- 1) Necessidade forçosa de intensificar a propaganda;
  - 2) Conseqüência e captação de novos militantes;
  - 3) Criação imediata de Troikas nas Companhias;
  - 4) Informes rápidos da atuação das ordens e comissários não favoráveis ao partido;
  - 5) Estudo imediato da forma de transferência, retirada ou eliminação dos não afetados;
  - 6) Celebração de reuniões mais amiguadas;
  - 7) Intensificação do trabalho de desconfiança às ordens e comissários não afetados ao partido.
- A reunião terminou com aviso dos chefes para que procedessem às eliminações dando depois parte de deserção do eliminado. A ata está assinada por Guillermo Garcia e datada assim: — P. C. 17-3-1938.

José Peirats enumera então uma série impressionante de assassinios calculadamente cometidos pelos servos dos Soviéticos.

Vale a pena contar o assassinio coletivo de anarquistas em Turón.

“Os fatos de Turón, diz Peirats, revestem maior gravidade. Um belo dia, o Chefe do 23.º corpo de exército, tenente-coronel Galán, envia ordem para que cada Brigada remeta ao Quartel General, um pelotão ou esquadrão composta de comprovados antifascistas. Assim se cumpre e, seguidamente, se dão instruções a essas forças para que marchem para Turón, povoado de Alpujarra granadina, de uns 2.500 habitantes. Pela ordem dada, tratava-se de eliminar uma série de elementos fascistas do destacamento de presos políticos daquele povoado. Assim se fez e disso resultou que soldados do C.N.T., socialistas e republicanos, assassinaram, por ordem do Comandante Superior, a companheiros de sua própria organização. Estava sendo construída então pelos prisioneiros, a rodovia de Turón a Murtas e os cadáveres foram enterrados na escavação da própria estrada. Esse crime de cuja responsabilidade não se podem eximir nem os simples executantes, não pôde permanecer calado. Por pres-

são da opinião pública, o Tribunal Permanente do Exército de Andaluzia abriu inquérito. As primeiras instruções comprovam que as ordens partiram do chefe do 23.º Corpo de Exército. Em vista disso, o Tribunal retrocedeu, temendo enfrentar-se com Galán”.

O desaparecimento de José Meca, da C.N.T., de Juan Hervás do P.O.U.M., de Jaime Trepát Solá, tão bem documentado, é significativo; mas, longo seria expô-los mudamente.

A ação proselitista e sorratamente hostil dos negados políticos soviéticos se mostrou clara no serviço de saúde do exército antifranquista. Os arquivos da C.N.T. estão cheios, afirma Peirats, de documentos comprobatórios dessa monstruosa trajetória de assassinios, nos leitos hospitalares, de companheiros anarquistas. Há uma memória escrita com o título Política comunista en Sanidad com muitos documentos. Um destes com data de 8 de julho de 1938, assinado pelo Comissário da 120.ª Brigada, assim se exprime:

“Mas, o pior de tudo não é isso; o pior é a grande quantidade de homens que morrem por desídia, incompetência ou má fé dos facultativos. Vimos casos vergonhosos, incompreensíveis de todo, dadas as circunstâncias ocorrentes, que fazem temer sabotagens estudadas, previstas ou interesse em desmoralizar os combatentes. Por muito que não expliquemos, nunca chegaremos a compreender como faleceu o que foi chefe da Brigada Mista 121, major Gil Montes; por muito que nós digamos, não acertaremos na explicação de como se finou o que foi chefe de um batalhão da Brigada 119, camarada Agustín Solá. E assim, sucessivamente, ou permanecemos na incógnita os falecimentos do que foi chefe da Divisão 30, major Don Nicanor Felipe, do cabo Joaquín Ballester Alcarria, que pertenceu ao batalhão 479 dessa Brigada, do tenente Don Francisco Perez Rodriguez, engajado no batalhão 477 dessa unidade e de tantos outros...”

Como exemplo, cita-se o caso do mencionado Alcarria que morreu na Clínica nº 3 de Barcelona em conseqüência, dizem, de tétano. Sua morte deu-se após uma injeção ministrada quando já recebera alta e prestes a deixar o hospital.

Premiado pela F.A.I. (Federação Anarquista Ibérica) o Sindicato de Saúde e Higiene de Barcelona respondeu aos 18 de julho de 38:

“Premiados pela petição que fazeis a este Sindicato... referente à maneira por que funcionam os Hospitais Militares, passamos ao vosso conhecimento os dados que possuímos e de que já demos conta aos organismos superiores da C.N.T.

“Nos Hospitais Militares há um problema latente. Faz-se neles a mais baixa, a mais rasteira das políticas e vítimas dela são os enfermos e os companheiros feridos. Cotiza-se-lhes o sofrimento e suas feridas, condiciona-se o seu bem estar de enfermos à sua filiação política”.

“Nos estabelecimentos sanitários militares infiltraram-se, de modo absoluto, os elementos comunistas, esse setor de discórdia. Os feridos são curados quando os médicos querem e, se são desafetos do Plano Maior dominante no hospital, não se curam. Nossos delegados sindicais do Hospital Militar, base de Vallcarca, assinalaram-nos casos verdadeiramente monstruosos. Enfermos que não se curaram nem ontem, nem hoje, nem amanhã, cujas feridas acabaram em gangrena, bichando-se o membro ferido. Neste hospital medra uma célula comunista, capitaneada pelo doutor Linares, um dos valentes que, na ofensiva de Aragón, abandonou equipamento e feridos e veio precipitadamente para Barcelona.”

“Mas, o caso da Vallarca é o de todos, absolutamente de todos os Hospitais Militares. O médico, o praticante, a enfermeira e o diretor, se não são comunistas, estão expostos a toda casta de humilhações, de coações e, o que é pior, expostos também a ser envolvidos numa infame armadilha que os jogará nos fossos de Mont-

juich. Nos estabelecimentos em que temos nas mãos a administração e direção, como em San Gervasio, a célula comunista empreende uma ofensiva de calúnias e difamações tal, que os empregados se levantam contra esses companheiros...”

“Os companheiros que ocupam cargos de responsabilidade na Saúde Militar são poucos e se acham materialmente rodeados de espias que os seguem passo a passo e lhes tornam impossível a vida. Há uma ordem circular da Chefatura Superior da Saúde, aparecida no dia 30 de abril, em virtude da qual se mobiliza o pessoal masculino, se suprimem os delegados sindicais e se dá uma pontada na C.N.T. única finalidade dessa Ordem Circular”.

“Os tribunais médicos são outro dos casos mais pinturescos possível. Se tivéssemos a coragem de penetrar no interior dessas guardias de fascistas disfarçados em vermelhos, veríamos cousas... em verdade admiráveis. Feridos já são, curados, a que não se dá alta porque são do Partido. Pobres diabos da C.N.T. ou de outro organismo sindical ou político qualquer, os quais, não curados ainda, vão para a frente. Todos os militantes comunistas são cardíacos, tuberculosos, etc., etc. O companheiro, doutor Vallina, é um dos médicos que fazemos parte do Tribunal do Hospital de San Gervasio. Esse bom companheiro poderia ilustrar-nos sobre muitas cousas a tal respeito”.

A história da heróica Brigada 153 é característica porém longa. Os comunistas lutaram porfiadamente por liquidá-la até conseguí-lo.

Como fim da tragédia restaurou-se o terror comunista na retaguarda. Esse negro episódio da traição se narra no Capítulo 36 do precioso livro de Peirats.

Em 15 de agosto de 1937, dominando o comunista Negrin, criou-se o Serviço de Investigação Militar, o S.I.M.

Basta agora lermos os subtítulos do capítulo 36: “O S.I.M. nova inquisição ibérica. A tábua do ex-covento de Santa Úrsula. Evolução do organismo da ordem pública. Os chefes do S.I.M. e seus conselheiros. Suas imoralidades e crimes. — As repercussões desses crimes no estrangeiro. — Comissões investigadoras na Espanha. — Contraofensiva da Imprensa comunista. — Os “camaradas do serviço especial”. — A G.P.U. monta a armadilha contra a P.O.U.M. — Como foi assassinado Andrés Nin. — “Acabaram-se os passeios”. — O processo da P.O.U.M. — Os acusadores, as testemunhas e a sentença. — “Temos de condenar e condenamos”.

Não nos sobra espaço para mais. Neste mês de julho, comemorativo da resistência oposta pelos anarquistas à revolução fascista de Franco, muito importava se apontasse o terceiro inimigo, o mais operoso, o mais eficiente, o mais vil, contra que tiveram de lutar as forças anti-fascistas de Espanha. Fascistas vestidos de vermelhos, acabados traidores da liberdade, comparsas de Mussolini e Hitler, infiltrados sorratamente para enfraquecer a resistência e, na hora aprazada, abriram a Franco as portas de Madrid.

Tal foi efetivamente o papel da negra horda bolchevista, a artífice da derrota. Serviram, quando nada, de ótima lição à boa fé dos verdadeiros amantes da liberdade humana.



Assine, colabore com O INIMIGO DO REI. Basta que você mande um vale postal em nome de Antonio Carlos C. Pacheco, no valor de Cr\$100,00. Se você quiser receber sua assinatura grátis, tire três (3) xerox do cupom e passe a três amigos.

Envie os cupons no mesmo envelope. Sua assinatura será NOSSO PRESENTE a você!

AO JORNAL "O INIMIGO DO REI" Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimensais:

NOME: ..... ENDEREÇO: ..... CEP: ..... CIDADE: ..... ESTADO: .....

Caixa Postal: 2540 40.000 — Salvador — Bahia

# A REVOLUÇÃO ESPANHOLA

1. A 17 de julho de 1936, o exército de Marrocos iniciou uma sublevação contra o governo republicano espanhol. Os cabeças do levante eram os generais fascistas Yague (Marrocos), Queipo de Llano (Sevilha) e Mola (Navarra).

2. Martinez Barrios, presidente da República, apavorado, em vez de organizar a defesa, tentou inutilmente negociar com os rebeldes.

3. Em Barcelona, a CNT (Confederação Nacional do Trabalho) toma a iniciativa da defesa, assaltando barcos ancorados no Porto e apossando-se de grande quantidade de armas. Imediatamente declara a greve geral revolucionária.

4. A deflagração verifica-se no dia 19 de julho de 1936. O governo central, agora sob a direção de José Giral, permanece estático e a CNT toma as iniciativas e, após terríveis lutas nas ruas, consegue esmagar os fascistas em Barcelona, Madri, Málaga, Valencia, San Sebastian, Gijón...

5. Em Madri, o povo teve que sitiá-lo e tomar de assalto os quartéis. Em Barcelona, travou-se a clássica Batalha das Barricadas, nas quais os anarquistas tinham muita experiência. A CNT e a FAI foram os heróis da luta fazendo a apreensão de quantidade enorme de armas de guerra.

6. A 20 de julho, a CNT tornou-se dona absoluta da Catalunha, iniciando uma verdadeira transformação social (ver noutra parte desta edição o artigo "A Autogestão na Revolução Espanhola").

7. A imperiosidade da luta antifascista apresentou o problema



Cartaz da época da Revolução Espanhola (1936/1939) saúda a instalação das Coletividades Libertárias, o instrumento de organização dos camponeses que foi desmantelado pelos fascistas de Franco.

premente da colaboração entre todos os setores políticos e sindicais. Qualquer discordância faria o jogo do inimigo.

Por imposição da CNT foi criado o COMITÊ CENTRAL DE MILÍCIAS ANTIFASCISTAS DA CATALUNHA.

O governo central se, por um lado, tinha — devido à sua atuação covarde — se desacreditado ante os olhos do povo, por outro lado mantinha os fios diplomáticos com o exterior, o que permitia uma certa solidariedade interestadual. Daí uma dualidade de poder: o anarco-sindicalismo e o poder político estatal condicionados pelas circunstâncias históricas.

8. A arena do grande drama espanhol apresentou o seguinte aspecto: o impulso revolucionário da CNT, conduzindo radicalmente modificações sociais que provocaram intensos temores na França e na Inglaterra. Medo de que as realizações libertárias, saltando fronteiras, atingissem os demais países. Daí a política de não intervenção. A ação nefasta da União Soviética sob a égide de Stalin, tentando destruir a obra revolucionária do anarquismo, fornecendo armas ao Governo, porém em troca do ouro e da ocupação dos postos-chaves pelos agentes da NKUD. Tentando reanimar o faquirizado PCE, restrito a 20 mil aderentes, através cooptação de militares ambiciosos, pequenos

proprietários e da burguesia reacionária. A prática do canibalismo político, eliminação sistemática de opositores ideológicos. E, finalmente, a Alemanha e a Itália sustentáculo da França, para as quais a Espanha era um campo de provas para a Segunda Guerra Mundial.

9. A ação desagregadora dos comunistas espanhóis tem exemplo contundente nos acontecimentos de maio de 1937 em Barcelona. Num verdadeiro ato provocador, tentaram apossar-se da Central Telefônica, nas mãos da CNT, porém esta respondeu prontamente, de armas nas mãos. Três dias durou a luta e a CNT poderia facilmente ter esmagado seus inimigos. Não o fazendo, para não abrir os flancos aos exércitos fascistas. Para o cúmulo dos acontecimentos, há a queda do governo de Largo Caballero, que sempre resistiu às manobras soviéticas, e a subida de Juan Negrin, que foi acimada de "governo da derrota".

10. A 28 de março de 1939, as hordas do caudilho Franco entraram em Madri. Cessara toda a resistência dos antifascistas.

Permitindo o sacrifício do povo espanhol, as ditas democracias do mundo abriram caminho para a grande guerra. A França, a Inglaterra e outros países da Europa sentiram em suas próprias carnes as dores cruentas da brutalidade fascista.

Em setembro de 1939, as hordas de Hitler iniciavam a Segunda Guerra Mundial, que havia de exterminar 50 milhões de vidas humanas.

JOSÉ LIBERATTI

## Sociedade: o monstro de duas faces

A sociedade da qual o homem participa é constituída de regras desajustadas, tradições e preconceitos, que fazem do homem um objeto de ataque e defesa dele próprio.

A sua força contém por si só todo o controle do desenvolvimento da humanidade, desenvolvimento esse de sentido ambíguo, pois deixa de ser um progresso na medida em que põe em risco a exteriorização dos sentimentos do homem.

A sociedade, nesse aspecto, faz o homem esquecer-se do seu tempo presente, da sua liberdade nascida na sua própria história natural.

Surge então, assim, uma questão extrema: o que é sociedade?

No seu sentido mais amplo, quer dizer o agrupamento de pessoas que por vontade própria vivem sob regras comuns a todas elas. Essa definição resume-se, então, a uma só palavra: igualdade.

No entanto, não é essa sociedade em que vivemos. A nossa sociedade é um conjunto de fragmentos. O controle social e suas ramificações nada mais são que o próprio germe da desigualdade, da diferença de classes, do preconceito de sexo, raça ou cor, do afastamento e da adversidade do homem ao seu semelhante, constituindo assim um quadro social com altas e baixas proporções, e, conseqüentemente, a hegemonia dos mais fortes sobre os mais fracos, a opressão e a insatisfação. E se perdem na indiferença o sentimento fraterno, o amor e a liberdade individual.

O real sentido da sociedade, no entanto, é a igualdade de direitos e o respeito à consciência humana — essência da própria vida.

Se o verdadeiro sentido da sociedade é esse, es-

tamos então caminhando por direções contrárias; e isso não é progresso: é retrocesso.

É incontestável o valor da organização na sociedade, pois sem ela a humanidade estaria ainda mais conflituosa. Porém a organização é feita através de regras. Mas são necessárias regras iguais para todos, com a predominância da justiça e da liberdade.

Com essa sociedade "imaginária" chegaríamos então a usufruir todos os direitos da nossa própria vida; que por outro lado teria um outro sentido, o sentido verdadeiro: A íntima ligação do Estado com a sociedade (pois um sem o outro não existe), sendo o "Estado a sociedade politicamente organizada," e o principal regente de uma sociedade.

Em todos os países do mundo, o Estado coordena e mantém sob vigilância a ordem das leis para serem cumpridas. Nesses mesmos Estados todas as tentativas de edificar uma sociedade com bases seguras foram sufocadas pela contrariedade de atos que não representam sequer um terço de uma sociedade ideal. Alguns aproximam-se um pouco mais e nem mesmo assim correspondem às necessidades reais, fazendo sobreviver ainda a desigualdade e o poder.

Porque, até mesmo nos países ditos democráticos, quando os membros de uma comunidade rebelam-se contra o governo, revelando a insatisfação geral e a necessidade de justiça, o ato final do Estado acaba sendo a violência, a repressão, forçando assim uma sociedade desorganizada e sofrida.

Por isso mesmo, a união de todo um povo sem qualquer restrição ou preconceito, depende do sistema de governo perfeito sobre esse povo e oriundo

dele. Conseqüentemente, a valorização de sua cultura, raça e dos verdadeiros anseios culturais.

Porém, jamais chegaremos a essa total união se a sociedade está composta por fragmentos e entre eles, separando-os, existe barreira quase que intransponível.

No quadro social, é muito simples verificar quais as possibilidades que tem um indivíduo de passar de uma classe menos favorecida para uma privilegiada, pois para que isso aconteça será necessária uma melhor condição econômica. Quando se fala em status, a sociedade não distingue as origens de cor, de raça, ou mesmo de caráter social, importando realmente o dinheiro, ou seja, a nova condição desse mesmo indivíduo.

Numa de suas citações, o sociólogo americano Donald Pierson diz que "o negro rico é branco, e o branco pobre é negro", isso em relação ao racismo no mundo.

Visto de um outro ângulo, um indivíduo que quando pobre era considerado pela minoria privilegiada um ser inferior, ao tornar-se rico será aceito por essa minoria mais cedo ou mais tarde, seja preto ou branco culto ou não.

Em suma, a união significa um mesmo pensamento, uma mesma luta. Se a nossa sociedade hoje faz do homem um "objeto", com uma minoria ditando as regras do jogo, chegaremos então não a mundo melhor, mas a um abismo do qual jamais sairemos.

E com um pouco mais de repressão, um pouco mais de violência, um pouco mais de atrocidade, enfim na direção em que estamos caminhando, teremos então um mundo pronto para sua auto-exploração.

Nilma Damasceno

Uma das coisas que o pensamento de Marx tem de mais vigoroso é a sua consciência de que a superação dialética é um fenômeno necessário e que o próprio marxismo deverá ser uma coisa superada. O que os marxistas atuais têm de mais fraco, teoricamente, é a recusa de seguir o próprio pensamento do "mestre" e perceber as marcas da decadência do próprio marxismo enquanto via de acesso a uma sociedade socialista. O marxismo pode levar a tudo, menos ao socialismo.

O título desse artigo poderia ser também: "Como Se Demolir os Mitos da Ideologia Pequeno-Burguesa Atual". Mas a frase publicada em "Veja" marca muito bem a situação da intelectualidade pensante, hoje, no mundo. Cada vez mais se ouve que o marxismo foi uma tentativa infeliz de se chegar ao socialismo e todas as suas formas e teorias políticas tornaram-se superadas pela própria história.

É sintomático que uma das principais revistas do país coloque como matéria de capa o que já paira no ar: MARX EM QUESTÃO.

Seria superficial demais se acreditar que é interesse da burguesia desmoralizar Marx. Porque o texto publicado deixa claro que o que entrou em crise não foi a oposição ao capitalismo e à burguesia, muito pelo contrário, foi uma parte dessa oposição: o marxismo.

Reduzir-se o socialismo ao marxismo é subdesenvolvimento intelectual e ignorância.

O marxismo é um momento histórico do socialismo já iniciando sua retirada histórica e dando lugar a novas reflexões muito mais profundas no tocante a uma efetiva libertação do proletariado.

Toda decadência começa desta maneira. Um pequeno grupo começa a enxergar as contradições que já estão sendo percebidas pelas massas, denuncia, sofre violenta coerção da ideologia moribunda, mas com aparato sepulcral ainda operante, e passa à frente catalisando as aspirações da maioria.

Quem se lembra dos "livres-pensadores"? Das ligas anticlericais? Pois é...

E quem hoje acredita seriamente na Igreja?

Ela teve de se aliar a posturas esquerdizantes para sobreviver. Seu discurso original, autêntico, perdeu o sentido. Só é aceita como apolo tático em conchavos.

As vezes, como no caso do marxismo, nem um pequeno grupo existe. São milhares de pessoas já cansadas de serem fluidas e, ao contrário do que dizem os agentes da KGB, recusam-se a ser marxistas e continuam ou passam a ser de esquerda porque, cada vez se torna mais evidente: ser marxista é ser de direita.

"Se há um setor profundamente reacionário na América Latina, esse setor é o dos intelectuais de esquerda. O marxismo se transformou num vício intelectual. É a superstição do século XX". (Octávio Paz, "Veja" 561).

#### AS CAUSAS HISTÓRICAS

A reportagem de "Veja," a meu ver já atrasada, sem ser novidade para a maioria dos brasileiros pensantes, para o escalão menor (garotinhos distribuidores de panfletos e xingamentos) é uma grande novidade, assim como as próprias obras de Marx...

Parece-nos oportuno analisar as causas desse fenômeno que é o acordar do dogma marxista, não só pelas vedetes da televisão francesa como por milhares e milhares de estudantes, jornalistas, operários, comunidades agrárias, minorias e dissidentes. Existe uma população cada vez muito mais radical em propostas socialistas, democráticas, autogestionárias para que o escalão menor do esquerdão possa acusar a todos de direita, quando ele é que é, insofismavelmente, a maior força reacionária e o maior entrave ao advento dum socialismo proletário depois da burguesia capitalista e do imperialismo.

O socialismo sempre teve essa contradição que, no início, não se agravou devido às primeiras fases das revoluções comunistas terem a participação de várias correntes socialistas, o que imprimiu nelas uma feição libertária. Logo, defender-se a Rússia em 1917, 1918, 1919 era defender o proletariado. Mas, quando os marxistas assassinaram os revolucionários (Kronstadt; Makhnovitchna; abolição dos Soviets e dissolução do Partido Socialista Revolucionário e desterro e morte de seus membros) e assumiram o controle dum Estado

## "Sou de esquerda, mas sou anticomunista."



totalitário pequeno-burguês, as contradições dentro do próprio socialismo se agravaram e é muito difícil agora conter sua explosão.

Dentro da esquerda sempre existiu um socialismo libertário de origem proletária e um socialismo autoritário de origem pequeno-burguesa.

O último ganhou em Marx um grande teórico. O que é coerente devido ao seu próprio conteúdo de classe. Marx foi um grande "mestre pensador". É inegável que seu método de pesquisa é útil para a explicação de certos aspectos da realidade social e histórica.

"Na fuzilaria de artigos e declarações que distribui pela imprensa, Sciascia especializou-se em torpedos intelectuais, com a comparação que fez entre a psicanálise e o marxismo — ambos, a seu ver, "ótimos como instrumento de pesquisa mas inúteis como método terapêutico" ("Veja" — pág. 41)

O que fez explodir a Primeira Internacional foi a percepção pelo socialismo autoritário que o operariado era refratário a um socialismo pequeno-burguês e se inclinava para o anarquismo.

Devido a ser um agrupamento político estrato da pequena burguesia intelectualizada, o marxismo, muito habilmente, conchavou com os poderes estabelecidos em toda Europa e pôde, após a Primeira Guerra Mundial, impor-se, num golpe de Estado, numa revolução, inicialmente libertária, como a Russa.

Começa a sua carreira de mostrar a verdadeira face. O socialismo reacionário e pequeno-burguês.

As contradições começam a se acirrar de novo e na atualidade é impossível se conter o descontentamento das esquerdas com o marxismo. Seguindo ainda a reportagem de "Veja" temos que:

"Talvez se possa distinguir, na história das desilusões da esquerda, três grandes momentos. O primeiro deles seria em 1956, ano do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, a ocasião histórica em que Nikita Krushev denunciou os crimes do Stalinismo. (mais adiante) A vez de se excomungar a URSS como um todo ocorreria doze anos depois, em 1968, quando da invasão da Tchecoslováquia e do destronamento da Primavera de Praga — não é só um país comunista alvo do ataque dos intelectuais — mas todos. Alguns países africanos, como a recentemente "Marxistizada" Etiópia, autora de numerosos massacres internos e feroz repressora das veleidades independentistas da província da Eritréia. E Cuba — sim, até Cuba, a sagrada Cuba "Gulag tropical"

chamam-na alguns intelectuais europeus de esquerda." (pág. 44).

#### A CRIAÇÃO DOS MITOS

O Esquerdão vive agora em cima do tigre. Tem que cavalgá-lo Como as forças reacionárias, que detêm o poder nos sistemas capitalistas em decadência, perderam a serenidade e partiram para a repressão policial sem política: surgem os mitos.

O patrulhamento ideológico é o mais visível. Patrulhamento firme. (Não confundir com crítica e debates de idéias.) Mentiras deslavadas a respeito de pessoas isoladas — tipo fulano é agente de polícia, da CIA, etc. — Ameaça de violência física caso se critique o Esquerdão em público — chantagem de todos os tipos. Entregas à polícia via jornais onde são veiculadas notícias queimativas sobre pessoas e instituições, as descaracterizando. Denúncias aos órgãos de segurança dos estados ditatoriais, das pessoas de esquerda que os critica. Afirmções mentirosas segundo as quais quem os critica são pessoas "de direita". Nada mais falho, mais ridículo, mais sem sentido. Repúdio para lá, repúdio para cá. Mil maneiras de aterrorizar as pessoas, patrulha-las para desestimular pelo terror, as críticas — ainda não se impuseram e já estabelecem a sua ditadurazinha...

A finalidade é a tentativa de criar um mito. Eles monopolizam a esquerda e a verdade, os heréticos devem ser perseguidos, isolados e intimidados para não continuarem com as críticas.

Os covardes, os oportunistas, os que querem ficar bem com os poderosos, os que querem empregos fáceis, cedem. Mas a história não é feita pelos que temem, mas sim pelos que ousam desafiar as verdades estabelecidas. Contra a história, sua evolução e marcha, nem as ditaduras mais ferozes conseguem colocar um freio. Muito menos êxito terá uma patrulhazinha subdesenvolvida. Cada vez mais perdem terreno. Sim, ainda são dominantes, em alguns setores. O Xá do Irã também o foi um dia... Cada vez menos eles têm a hegemonia dos movimentos sociais. Os conchavos ficam claros, suas mentiras tornam-se públicas. Ninguém acredita mais no seu discurso. Acreditar neles é sinônimo de burrice e ingenuidade. "Na França, por exemplo, ser filiado, ou mesmo ser a favor do Partido Comunista, já há muito tempo é considerado, nos meios intelectuais, decididamente out". ("Veja", págs. 42, 43)

Para conter as suas contradições o Esquerdão cria mitos.

Além do patrulhamento ideológico, apelam para uma suposta unidade de forças, a "unidade das esquerdas". Isto nada significa. A esquerda libertária que está se solidificando, jamais se uniria com forças reacionárias para carregar nas costas esse cadáver ou por ele ser sugado e manipulado. União significa ser dominado e neutralizado por eles. Deve-se, muito pelo contrário, quebrar-se qualquer união a não ser que eles sejam a minoria minoritária e não tenham possibilidade de chefiar.

É com a multiplicidade que se deve enfrentar esse mito de unidade. Sempre duas ou mais organizações de esquerda. A verdadeiramente proletária e o Esquerdão patrulheiro, decadente, que assim ficará esvaziado e pulverizar-se-á pela própria ação da história.

Eles querem deter a evolução do próprio socialismo porque isto é do seu interesse pequeno-burguês de classe.

Os mitos que criam visam exclusivamente, isso. Deter o socialismo naquilo que ele tem de mais libertador: a emancipação autogestionária do proletariado.

Como as forças reacionárias, eles têm de esconder seus podres, vilipendiar os inimigos sem enfrentar suas idéias, conchavar com forças de direita, mentir, mentir muito, enfim: oprimir, massacrar, policiar, o que faz com que Albert Camus tenha uma oportunidade única de ser ouvido e seguido em toda extensão quando diz que o intelectual deve:

"Reconhecer o totalitarismo e denunciá-lo. Recusar-se a dominar. Recusar, em todas as ocasiões e sob qualquer pretexto, o despotismo, mesmo provisório. Confessar sua ignorância, quando for o caso. Não mentir."

Ricardo Líper

# PRESÍDIOS: ONDE SE FORMA O DOUTOR EM MARGINALIDADE

— *Meu Deus, o que é isto?* — pergunta de um deputado autêntico que deixou de ser materialista quando visitou a Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador.

Considerando o Homem como mero parafuso de uma vasta engrenagem, o capitalismo sempre necessitou (mesmo na sua era da computação e "racionalização") de um exército de reserva de mão-de-obra para substituir os braços cansados. Com isto, de certa forma, termina por cavar a sua própria sepultura: o exército de reserva, incapaz de promover o auto-controle demográfico proposto pelo Sistema, terminou por crescer demais, dando um excedente do excedente, qual seja a marginalização.

Forma-se, assim, um mundo paralelo, com seus valores, suas "instituições" próprias: o sistema penal. Quem não for capaz de bem comportar-se à espera de um salário miserável vai para a cadeia. E ninguém dirá nada, porque os falos constestadores só estão preocupados com seus amigos... de classe.

Neste mundo "paralelo" surge um verdadeiro estado dentro do estado. O sistema penal é um sistema educacional do que sobrou da mão-de-obra exceden-

te. O marginal deverá continuar marginal, POR TODA A VIDA, IRRECUPERÁVEL ANTES DE TUDO, mas deverá ascender dentro deste sistema. Um Atalla, um Abdalla, um Sérgio Paranhos Fleury escapa. Mas, "antônio bispo dos santos", analfabeto de nascença continuará analfabeto de morte, se não passar no vestibular das prisões, onde se faz o doutorado em marginalidade. É, além disto, um precioso argumento para se apresentar, aos que estão do lado de fora da cerca de arame fardado eletrificado: uns são os bons, os outros os maus. Uma lógica cristã, onde o Purgatório só existe para os que, geneticamente, — não há outro caminho — se mostram em condições de participar do banquete dos grandes bandidos. Aqueles que estão em Brasília, Santiago do Chile, Washington ou Moscou.

Pouco interessa se nos falam de prisão com grandes, choque elétrico ou 'chá de mela-noite' (assassinato por acidente). O que interessa é a abertura das prisões. Quando o bando de Lampeão — Virgulino Ferreira — atacava uma cidade nordestina na década de 30, tanto os passarinhos das galolas, nas portas das carceragens eram libertados, quanto os seres humanos atrás das grades. Mas, um guerri-

heiro — mesmo que rotulado de inconsciente, não nasce todos os dias.

Afinal, quando o cordenado chega ao presídio já fez um longo vestibular. Sua sina começa na rua, quando é preso, continua na delegacia, onde brutalmente torturado (como qualquer preso político, amiguinhas esquerdinhas!!!!) e depois submetido ao dourado. Poderá ser aprovado para duas alternativas de vida: ou se torna um malandro de fé, capaz de liderar e formar os grupos (que o ex-secretário de Segurança de São Paulo, Erasmo Dias, prevê pela TV, como um futuro cordão de periculosidade a ameaçar a periferia das grandes cidades, num introito de guerra civil) ou se torna um marginal com anel no dedão, disposto a disputar, até mesmo em concurso público com provas e títulos, o cargo de um diretor, por exemplo, da Censura Federal. Não estamos no campo ficção, lembre-se de Rogério Nunes, aquele que assinava os certificados do Ministério da Justiça que apareciam em todas as telas de qualquer "poeira" destes brasis? Pois é, marginal tem duas faces. Quem diz qual é a do Bem e a do Mal é o sistema. Mas, como no "Sistema" filme, o futuro poderá inverter, temos certeza, as regras deste jogo sujo.

## Uma preocupação permanente

Por Pedro Pacífico

É motivo de permanente preocupação dos setores interessados em identificar todos os processos que geram injustiças no seio da sociedade a questão da marginalização. Sobretudo nos países que não alcançaram níveis satisfatórios de desenvolvimento amplia-se a faixa da população que se encontra à margem dos benefícios — mesmo que poucos gerados pelo desenvolvimento econômico.

Tendo à mão alguns indicadores referentes, principalmente, à assistência social (serviços de saúde, habitação, educação, previdência social etc.), poder-se-á identificar uma tendência crescente à queda quantitativa e/ou qualitativa na assistência à população, notadamente às camadas mais pobres.

Paradoxalmente ao crescimento econômico, diminuiu o poder aquisitivo do povo, que sobrevive com pouco salário, tido como mínimo necessário para se ter uma humana condição de vida. A renda fica cada vez mais concentrada nas mãos de pequena parcela, a classe abastada. Pode-se apontar como causa primeira desse processo o profundo fosso aberto entre a produção de riquezas para as diversas sociedades e a população. Essa defasagem, ou seja, essa marginalização, é que conduz à marginalidade, funcionando a segunda numa razão diretamente proporcional ao crescimento da primeira.

Nas camadas mais pobres, os pais encaminham os filhos à escola com o principal intento de conseguir-lhes alimentação (merenda escolar, nem sempre em bom estado, é talvez a única alimentação diária mais consistente da criança) e o calçado, que é distribuído gratuitamente através da caixa escolar. Após o início, no primário, onde aprendem a ler, abandonam a escola para se tornarem mais uma fonte de renda para subsistência da família. Aí é que tem início a marginalidade: pois os empregos ou subempregos (carregadores em feiras-livres, vendedores de jornais, de balas etc.), a permanência em pontos de convergência de delinquentes são o primeiro passo para que o menor tenha contato com um mundo cruel, que lhe é totalmente adverso, e caia na marginalidade. E, caso venha a ser recolhido a qualquer escola correcional, ampliará sua prática sobre toda sorte de crimes.



Tribuna da Bahia

As pésimas condições sociais: aí começa a marginalização.

A marginalização, origem de muitas injustiças, tende a acentuar-se também nos centros pouco ou nada industrializados — como o interior brasileiro — onde praticamente não existe, operando de forma permanente, mecanismos sociais destinados a assegurar um mínimo de condições para uma vida, pelo menos digna; ali a marginalização é crescente.

Nos grandes centros urbanos, o problema não é diferente. Muito contribui para esta situação a remoção de favelas situadas junto aos centros industrializados, próximas às grandes empresas e a construção de conjuntos habitacionais, financiados pelo governo, que são verdadeiros laboratórios de miséria, fome, criminalidade, localizados principalmente na zona rural, dificultando e encarecendo o acesso do local de trabalho dos assalariados, que vêm, impoten-

tes, sua renda ser diminuída ainda mais. Tais remoções obedecem, na maioria das vezes, a interesses puramente lucrativos das famigeradas construtoras em busca de terrenos para erguerem os "espigões" que não solucionarão, com seus preços inacessíveis, os problemas da grande totalidade da população, o problema da moradia.

Com o problema se intensificando, no interior do país, agrava-se em ordem direta o das grandes cidades. É fato bem conhecido o êxodo de muitas famílias nordestinas, que vêm em busca de trabalho e se estabelecem nas grandes capitais. Os homens se empregam como mão-de-obra barata, não especializada, na construção de edifícios. As crianças não estudam. Localizam suas famílias na periferia da cidade, até mesmo sob ponte e viadutos, advindo daí um

enorme contingente populacional desprovido de qualquer assistência. Outro fato grave que ocorre é quando o nordestino vem sozinho, se desilude com os encantos da cidade — a dificuldade de arrumar empregos —, e volta, abandonando a família constituída.

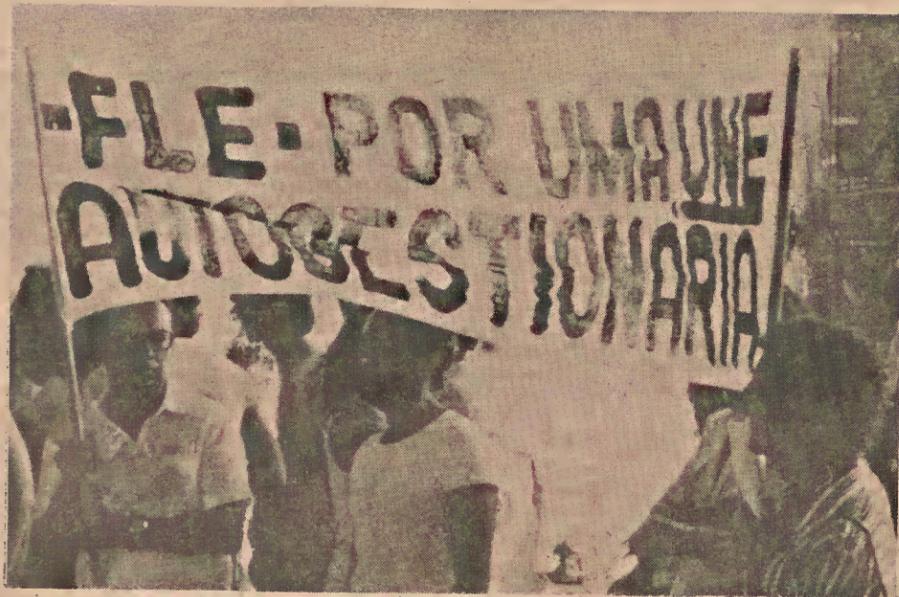
A marginalização não é problema específico do Brasil, ocorre mundialmente. Também suas origens são as mais diversas, porém, como paradoxo, nos países industrializados tem sido equacionada de forma mais real, e nos países subdesenvolvidos, a mão-de-obra humana tem sido intempestivamente trocada por máquinas do progresso, acentuando o contingente de ociosos e aumentando ainda mais o grau de marginalização da população, que se vê alijada de seus empregos, sem poder econômico, sem assistência social e sem condição humana.

# CORDEL OPERÁRIO

Antônio Fernandes Mendes

- 1 Meus caros trabalhadores  
Me prestem muita atenção  
A história que vou contar  
É tão triste que faz cortar coração  
É a vida do próprio trabalhador  
Explorado e aviltado pelo senhor  
Nesta terra que chamam de nação
- 2 Desde os cafundós do Norte  
Aos pampas do Sul  
Vive o pobre explorado  
Como uma pária ou boi zebul  
Não pode plantar livremente  
A natureza pertence a todos eternamente  
É jogo do egoísmo  
Do senhor do Rebelo
- 3 Vive o pobre homem do Campo  
Sem terra para plantar feijão  
Se colhe duas sacas de milho  
Tem que dá de graça uma ao patrão  
Como pode o trabalhador viver assim  
Que com o suor do seu rosto enfiar  
Alimenta o povo de toda nação
- 4 Vivendo assim sem autonomia  
Só tem trabalho e obrigação  
Procura uma saída humana  
A única que acha é a cidade cão  
Junta seus farrapos, mulher e criança  
Emigra para a cidade sem esperança  
Não sabe coitado! Da grande ilusão
- 5 Na cidade grande ele vem viver  
Val ele perder a moral e a virtude  
Ganhando vil salário e água suja  
Com pouco tempo também perde a saúde  
Um filho perde num acidente e ouro entra na polícia  
A filha cai na prostituição e na malícia  
Acabando-se o tempo do ar puro, da água do açude.  
O trabalhador precisa tomar sua posição  
Não sair de sua terra onde nasceu  
Tomar consciência e educação do seu viver  
Só sair para viajar e ver as cores do céu  
A terra deve ser livre para plantar  
Trabalhando todos juntos para alegrar  
Não se sujeitando ao senhor Incecu
- 7 Sem consciência e educação  
O trabalhador rural não será livre  
Ele vive oprimido com medo da autoridade  
Confia o seu destino a milagre  
Quando o milagre é ele mesmo  
Basta se dispor de si mesmo  
Para que as coisas se consagre
- 8 Nem pode confiar o seu destino a ninguém  
Tem que ele próprio achar a solução  
Criando suas associações e sindicatos  
Sem autoridade e nem chefão  
Conseguir terra para trabalhar desobrigado  
Com recursos próprios, sem ser empregado  
Trabalhando todos apoiados numa grande união
- 9 Os trabalhadores têm que ajudar uns aos outros  
Como em tempos passados na limpa e no brocado  
Botar a enxada nas costas e o machado na mão  
E ajudar a consertar a cerca do roçado  
Do seu amigo ou parente  
Ou de qualquer trabalhador doente  
Que precisa do teu braço cafejado
- 10 Não permitir intromissão no seu sindicato  
Seja do Estado ou do Patrão  
Pois os dois vivem do seu suor  
Como carrapato na asa do gavião  
Cuidado com o pelego, que é pior do que um rato  
Aprende as astúcias e sai pulando como gato  
Se agarra no Sindicato fazendo o jogo do patrão
- O Sindicato é você mesmo que protesta  
Fazendo valer a sua opinião  
Mostrar as mentiras e as falsas intrigas  
Dos que te querem ver no alcapão  
Mostrar com coragem a força da união  
Não adianta conversar sozinho  
Já na fazenda com teu vizinho  
Traça os teus planos e tua ação
- 12 Mostra ao companheiro a exploração e a miséria  
Não vá na conversa do pessoal do oitão  
Dos capangas puxa-saco e xelegu  
Nos livros ninguém achou ainda uma explicação  
São gente sem classificação, miseráveis  
Que vendem suas almas de condenáveis  
Por qualquer cobre ou tostão
- 13 Não vai na conversa do comerciante  
Compra de graça o que tu produz  
A ti mesmo vende depois roubando  
Vive te aconselhando plantar isso plantar aquilo  
Dizendo que vai dar dinheiro. Cuidado! Pois ele é grilo  
Pois ele vive do teu suor, como pode dar sobrando?
- 14 Não queremos ser uma nova classe  
Queremos ser fraternais e humanos  
Ajudando uns aos outros como iguais
- Que todos sejam considerados e soberanos  
Que se acabe a inveja e o egoísmo  
Dentro de cada um de nós com altruísmo  
Sejamos felizes em busca de altos planos
- 15 Já basta de miséria em busca do dinheiro  
Façamos uma lavoura de subsistência  
Que garanta o nosso abastecimento  
Milho, Feijão e Arroz que aumenta a nossa resistência  
Ele quer é pagar o que comprou errante  
E por cima nos chamar de ignorante e sem experiência
- 16 O que eles querem é induzir  
O trabalhador plantar aquilo que mais dinheiro dá  
Pois eles vivem da exploração e do lucro  
Não conhecem os segredos da terra nem o que ela possa dar  
O pobre acaba se iludindo, plantando o que não lhe convém  
Arrasando com suas forças e com a terra também  
Prometendo enriquecimento e no fim só fica com o cabo da pá
- 17 O trabalhador tem que aprender  
A proteger a terra dessa devastação  
Que dia a dia acaba com a nossa natureza  
As árvores vão se acabando, só restando um negro tição  
Os bichinhos do mato também vão se acabando  
Eles que comem as pragas e as terras vão adubando  
Todas as aves desde a coruja ao canção
- 18 Se o homem do campo tomar consciência disto  
Ele vai melhorar, procurando do pior Não só combater o seu  
inimigo explorador  
Mas proteger a natureza que o criou como o maior  
Assim ele equilibrará não só a sua espécie humana  
E protegerá todo reino animal até o seu irmão Indígena  
E aprenderá a viver com o fruto do seu suor
- 19 Esta exploração já vem do começo do Brasil  
Os que aqui vinham só pensavam em ouro  
Quem aqui protestasse era preso  
Jogado no Pelourinho ou esmagado como besouro  
Ninguém me dirá o contrário, aí está as Minas Gerais  
Ou a figura do grande Tiradentes que morreu pelos Ideais  
De uma terra livre, o nosso maior tesouro
- 20 O pobre Felipe dos Santos  
Que foi atrelado num rabo de um cavalo  
Morreu aos pedaços e arrastado pelas ruas de Vila Rica  
Porque teve a coragem de dizer não ao senhor do embalo  
De lá pra cá nada mudou  
Com outras maldades o mundo continuou  
Que nossos corações fossem como um sândalo
- 21 Que perfuma o machado que o corta  
Que prejuízo se tem em ser bom?  
Precisamos refletir muito bem isto  
Cada um de nós tem este dom  
Vejam a vida de Cristo como foi  
Dos grandes homens que já se foram  
Basta parar e ouvir o som
- 22 Ainda continuando a nossa história  
Vejam o negro na palmatória e na dor  
Se organizaram em grupos  
Sobre a orientação do zumbi, o guerreador  
Na república dos palmares  
All ergueram os seus lares  
Na linha do Equador
- 23 Até hoje procuram esconder a verdade  
De tudo aquilo que aconteceu  
O trabalhador negro de posse da terra  
Logo melhorou e enriqueceu  
Sem ajuda oficial, a liberdade conquistou  
As raízes da harmonia ele plantou  
E um novo mundo ele conheceu
- 24 Mas os parasitas de então  
Fizeram o jogo do inferno  
Massacraram os trabalhadores  
A fogo e a ferro  
Destruindo o que era seu  
Com lágrimas e fogaréu  
Ainda hoje nos matos se houve o seu berro
- 25 E o trabalhador negro na luta continuou  
Mas as homenagens não foi ele que ganhou  
Foram os de cima que ganharam  
O Bolo que roubou  
Da gigantesca luta que fez  
De noite e dia de mês em mês  
Sem se falar no Rio de Sangue que derramou
- 26 A miséria, a fome e desgraça  
Sempre lhe acompanhou com dor  
As Injustiças se fizeram sua companheira  
Especialmente no Nordeste abrasador  
A história comprovava que está chela de Injustiça  
Desde que os coronéis começaram a virar lobisomem de carniça  
As portelras se abriram e o diabo se soltou
- No sertão de Pernambuco  
Um injustiçado trabalhador lutou  
De nome Né Batista  
Contra a Injustiça se revoltou  
Com alcunha de Antônio Silvano  
Que perdeu o Pai e um irmão menino  
Porque queriam expulsá-lo da terra que herdou
- 28 E assim foi com o Senhor Pereira  
Outro bravo camponês  
Que fez justiça com as próprias mãos  
Para reparar os danos que a Injustiça fez  
Todos estão no coração do homem do campo  
Pois foram seus leais defensores em todos os tempos  
E ninguém pode negar a sua honradez
- 29 Muitos falam de Lampião  
Sem saber porque lutou  
O Rei do Cangaço  
Com uma acusação que revoltou  
Aquele família honesta  
Desde pajé a floresta  
Com seu braço vingativo matou
- 30 Aqueles malvados senhores  
Acostumados a mandar  
Fazer o que bem queria  
O pobre não tinha vez de acertar  
Vivia amarrado como um surrão  
Foi preciso que chegasse Lampião  
Para as contas prestar
- 31 Ainda hoje tem coronel de chupeta  
Que só em ver falar de Lampião  
Desembesta pelo mundo a correr  
Escorre garapa nas pernas com caroço de feijão  
Porque com ele não tinha ladainha  
Comia o coração deles com farinha  
Assim chegasse a ocasião
- 32 É certo que o pequeno ele matou  
Mas quem não sabe do xelegu do informante?  
A isto ele precavía  
Como astuto comandante  
Mas como bom trabalhador ele era gentil  
Quantas vezes ajudou a pobre gente do Brasil  
Com o dinheiro que trouxe de gente importante.
- 33 O nosso bom Antônio conselheiro  
Que teve quase toda família aniquilada  
Abraçou as lutas do trabalhador do campo  
Fundou uma comunidade feita de latada  
Numa antiga Fazenda nos sertões da Bahia  
Para os camponeses foi motivo de grande alegria  
Chegava trabalhador de todo Nordeste com foice e a enxada
- 34 As terras empobrecidas logo melhorou  
Pois o conselheiro paciente ensinou proteger  
Logo com pouco tempo a comunidade cresceu  
Os plantios aumentaram para quem quisesse ver  
Todos se sentiram amigos iguais  
Não se praticava Injustiça em todos os arrais  
A vida tinha sentido com harmonia e lazer
- 35 Todo dia chegava trabalhador explorado  
Naquele Sertão deserto  
Logo era recebido com muita festa  
Por todos que moravam ali perto  
As casas eram feitas nos mutirões  
Todos ali tinham bons corações  
Todos eram ouvidos por certo
- 36 Era uma vida de harmonia  
Entre sapateiro, pedreiro e carpinteiro  
O vaqueiro e o camponês entendiam  
Se havia alguma dúvida recorriam ao conselheiro  
Que com amor fraternal lhes respondia  
Sejam todos irmãos vivam com alegria  
E ali se praticava um Ideal verdadeiro
- 37 Mais os que vivem do suor alheio  
Começaram a traçar planos diabólicos  
Mentiam tanto que ficavam zozos  
Pois o que eles queriam melancólicos  
Em seu trabalho criativo  
Para sustentar o seu donativo  
Cambada de parasitas alcoólicos  
Assim prosseguiram as calúnias  
Aos pobres das lavouras  
Padre, Dr. e Juiz  
Começaram com suas loucuras  
Enviando mentiras aos chefes prepotentes  
Que vivem em palácios imponentes  
Que em vez do bem só fazem diabruras  
(a segunda parte vem no próximo número)

# O FANTASMA DA LIBERDADE RONDA A UNE, AMEAÇADOR



A Federação Livre Estudantil (FLE) pede uma UNE autogestionária...



...e diz NÃO a todas as espécies de ditaduras.

A frase ecoou sonolenta, na madrugada do dia 1º de julho, quando era encerrado, em Salvador, o 31º Congresso da UNE: "Esta UNE já nasceu morta..." O autor? Não era um agente da CIA, tampouco da Polícia tupiniquim; nem "de direita" ou coisa que o valha: era um estudante comum, um estudante-povo. Foi, talvez, a coisa mais certa que já ouvi sobre o assunto...

E por que ESTA UNE já nasceu morta? Porque não estamos mais em 1968; porque a mentalidade do estudante-povo brasileiro não está mais tão facilmente moldável a conchavos, autoritarismo; e porque — para desespero do esquerdão autoritário — as idéias libertárias começam a ganhar corpo, desmistificando a farsa das jogadas daqueles que tão-somente pretendem perpetuar-se como detentores do poder.

Aí, está, então, o ponto positivo do Congresso da UNE. Foi a oportunidade para que — deixando de lado o festival de chavões panfletários autoritários e o triste espetáculo de baixaza de atitudes dos pretensos dirigentes da reunião — o povo estudantil — e aqui, permitam-me uma digressão: dentro da cópia da so-

cidade em que vivemos que esses "líderes" estudantis criaram nas universidades, existe, naturalmente, condição de haver os líderes (os chefes do ME), os "deputados" e "senadores" estudantis (presidentes das DAs, delegados, etc.), e, finalmente, o povo estudante. O estudante-povo. Aquele cuja única utilidade é votar nesses chefes. Tal e qual o mundo fora do campus.

Mas, dizia eu, o Congresso foi a oportunidade para que o pensamento libertário dos estudantes brasileiros encontrasse um momento para deflagrar a guerra ao autoritarismo. Assim foi que, na platéia, os engodos da mesa dirigente não encontraram a ressonância esperada. A reação contra o autoritarismo traduzia-se nos gritos de "Abaixo o conchavo"; nos panfletos distribuídos pela Federação Livre Estudantil (FLE), de Salvador, onde os métodos ortodoxos e ultrapassados impostos pelos organizadores do congresso de reestruturação da UNE eram criticados com veemência, seguidos de uma proposta libertária de organização em grupo.

Falou-se em AUTOGESTÃO, palavra que faz tremer os autoritários, inimigos da verdadeira liberdade. Pediu-se uma UNE AUTOGESTIONÁRIA. Uma UNE sem chefes,

sem centralismo burocráticos, onde a voz de todos os estudantes fosse ouvida. Gritou-se ABAIXO AS DITADURAS, no plural.

Ficou patente, então, que o renascer de uma UNE nos moldes autoritários, sempre utilizados por este tipo de gente que se diz "de esquerda" era impraticável. Talvez duvidem disso aqueles que, embriagados pela sede do poder, do prestígio pessoal, acreditam no fantasma que criaram. Nessa meia dúzia de mentes é possível que a velha senhora esclerosada tenha renascido com seus dogmas, seus tabus, seu autoritarismo.

A verdadeira união nacional dos estudantes está por nascer, entretanto. Ou melhor, está nascendo aos poucos, germinando, na identificação do pensamento antiautoritário. Partindo-se desta base, deste ponto inicial, aí talvez se possa construir alguma coisa sólida, livre e a favor da liberdade, realmente. Este trabalho é DOS ESTUDANTES. São os estudantes, todos, que devem debater até a exaustão; opinar; criar métodos de trabalho; elaborar cartas de princípios; estabelecer prioridades de luta; unir-se IGUALMENTE, sem degraus, sem chefes fluminados.

Se isso é difícil de ser feito, trabalhoso, maior razão não pode haver para que a luta em direção a esses objetivos comece agora (em outros locais do mundo, menos atrasados, ela já começou há muito) e maior prova não pode existir de quão fascistas e reacionários são aqueles que, em nome do esquerdão nacional, fazem tudo (utilizando-se dos mais mesquinhos e maquiavélicos métodos) para barrar o pensamento libertário.

O que não se pode admitir é que gente que tem a coragem de aplaudir neurótica e freneticamente a bandeira russa (a mesma que drapejava sobre os tanques soviéticos que invadiram a Tchecoslováquia em 68) continue a dirigir os destinos do movimento estudantil. TODO DITADOR, SEJA DE DIREITA OU "DE ESQUERDA", DEVE SER RECHAÇADO, DEPOSTO. Não vamos fuzilá-los, pois não podemos incorrer nos mesmos erros deles, mas vamos transformá-los, quando nada, em estudantes comuns. Em estudantes/povo. Destituí-los do poder não para substituí-los lá, mas para aniquilar com este poder. O século XX está chegando ao fim e Marx e Hitler estão mortos. Já deram o que já tinha que dar...

ALEXANDRE FERRAZ

## A dissidência da dissidência estudantil

Quando se fala em movimentos de dissidência, esquerdistas, tem-se incluso nestes o movimento estudantil, particularmente universitário. Dentro dessa visão política, esse movimento que é considerado como uma das dissidências existentes no país, encontra essa dissidência também dentro do seu próprio movimento: no seu núcleo, assim como na sua periferia.

**FOI PRECISO PRORROGAÇÃO PARA QUE AS TENDÊNCIAS CHEGASSEM A UM CONSENSO E FECHASSEM.**

Creio estar ainda bem fresco (e não poderia deixar de estar com tanta badalada feita) nas cabecinhas dos estudantes brasileiros o XXXI Congresso de Reconstrução da... blá, blá, blá... para aqueles que estiveram presentes (cerca de 8-10 mil estudantes) e para aqueles que torceram de longe, mesmo. Particularmente, para

os que acompanharam de perto todo o processo de reconstrução da entidade, acredito terem visto, mesmo não querendo acreditar no que viram, um total fracionamento nas tendências lá representadas, sendo necessário para que saísse pelo menos dali a entidade reconstruída, uma prorrogação (indo acabar, o congresso, lá pelas tantas da madrugada, ou melhor dizendo, nas primeiras horas da manhã de quinta-feira) pois se dependesse do plenário as discussões cairiam pela quinta, sexta e, por que não, por todo o fim de semana, pois o consenso, se realmente existiu, demorou a chegar. E é aí que encontramos no seu núcleo a principal dissidência de todo o movimento estudantil.

**AS DISSIDÊNCIAS PERIFÉRICAS: CADE? CADE?**

Existe uma minoria, que não sei até quando poderei chamar de minoria, de estudantes que é contrária ao processo, ou melhor dizendo, à

maneira de como está sendo encaminhado o movimento estudantil. Basta, para comprovação, citarmos as estafantes assembleias realizadas nas escolas, as quais são motivo de total desinteresse dos estudantes não ligados a qualquer uma das tendências existentes. Essas assembleias são levadas sem nenhuma estrutura para a convocação dos estudantes em salas de aula, sendo eles, em sua maioria, comunicados a respeito das assembleias através de cartazes ou "avisozinhos" tipo recado, sem uma maior discussão nas salas sobre o tema, a proposta ou qualquer outra coisa; nem tão pouco uma maior preocupação em torná-las representativas, pois estas são sempre levadas com menos de 1/3 dos estudantes de determinada escola ou curso, tendo uma percentagem de representatividade decrescente, pois até suas propostas serem votadas e fechadas (quando acontece serem fechadas) só estarão presentes mesmo os mais interessados, pois a estudantada tá é de saco cheio!

Essa minoria não pronunciada, e de uma certa maneira controlável, ainda não se tornou motivo de preocupação para as lideranças iluminadas, pois são vítimas de um mecanismo de repressão (não do tipo utilizado pela direita, uma repressão físico/violenta, mas uma repressão de fundo psicológico) que é a famosa e temível QUEIMAÇÃO, ou seja, se você contesta ou crítica algo em relação ao movimento estudantil é logo tachado de direita, de reacionário, ditador e outros predicados. Como ninguém tá a fim de ser taxado com tais predicados, tem como opção mais coerente e apropriada a acomodação e a boca fechada, senão um balbuciar de palavras sem se deixar comprometer de maneira direta, aberta. Este foi um dos motivos pelos quais pessoas com quem entrei em contato não quiseram (ou não puderam) se pronunciar dando entrevistas e citando nomes.

Kátia Regina Borges

# SARTRE: MEU TESTAMENTO POLÍTICO

Tradução e coordenação de SEBASTIÃO SANTA ROSA correspondente d'O INIMIGO DO REI em Madrid.

Velho Sartre! Afetuoso e corajoso Jean-Paul Sartre! Toda uma vida lutando, desmascarando a fábula do filósofo fechado em sua torre de marfim, demonstrando que não há mais filósofo verdadeiro do que aquele que consegue ter sempre uma consciência crítica do seu tempo. Agora, sentindo que se aproxima, inevitavelmente, a hora de sua morte, não quer deixar de lançar um grito (final?) de ódio contra os opressores e de amor pelos oprimidos; um canto de desesperança pela generalização da miséria e da brutalidade da autoridade e de esperança em uma futura humanidade livre. Parece com a raiva acumulada em 70 anos de militante (em militância de todo tipo, com maior ou menor sucesso, porém, sempre com uma absoluta autenticidade revolucionária). Parece que foi escrito por um jovem de 20 anos, pelas suas virtudes e excessos. Este texto que escreveremos abaixo é um resumo da recentíssima obra de Sartre que acaba de ser publicada em Paris com o título "Mon Testament Politique".

SEBASTIÃO SANTA ROSA

## MEU TESTAMENTO POLÍTICO

Aos meus amigos anarquistas que eu tanto desprezava injustamente, e à memória do meu amigo Camus.

JEAN-PAUL SARTRE

## AOS PROLETÁRIOS

Irmãos proletários, este trabalho está dedicado a vocês. A vocês encomendo estas páginas escritas com tinta coagulada, na solidão e no exílio da dor; guiado pelo ódio e o desprezo, à ruína e à morte da burguesia; um ataque frontal à religião, à família, ao governo e à propriedade. Espero que estas páginas, como uma chuva de granizo, sequestrando nas suas consciências as noções de direito e façam vibrar nos seus corações e nas suas mentes a cólera social. Espero ansioso o momento em que vocês, massa energética, sublevada pela lógica e pela força revolucionária, se precipitará como uma avalanche sobre esta sociedade prenhe de privilégios e exploração.

Espero, que como um germe fecundado, como um rato vivificador, possam estas páginas se unir à primavera regeneradora que sucederá ao inverno da destruição, abrindo caminho à vida humana, à liberdade, de igualdade e fraternidade. Espero, depois deste sangrento cataclismo, que a humanidade possa caminhar em direção da conquista do ideal, da harmonia, relegando a civilização entre as monstruosidades do passado.

## INTRODUÇÃO

Todo o governo que não compreende ao conjunto do povo é um governo de fato. O direito, sempre se governo e direito não houvessem, jurado se manter sempre em conflito — seria o povo criando suas próprias leis, sem representação nem delegação.

Até hoje não existem mais que governos de fato. Porém, para os antigos e novos usurpadores da soberania popular, estatista de todo o tipo, republicanos formalistas ou montagnards; Giscard está fora da lei!

Se se trata da lei política — e para estes Srs. disso se trata — da lei tal como existe sob todos e em todos os poderes, constitucionais ou absolutos, não, Giscard não está fora da lei. Ao contrário, é o seu Deus e pontífice.

Está na Lei como estão as assembleias representativas, legislativas ou constituintes, que concedem carta ou leis ao povo; como o governo provisório da revolução que lança seus mandamentos desde o Monte Sinaí.

Neste sentido, não há dúvida: Giscard não está fora da lei, isto é, não está à margem da lei política, se entende.

Porém, uma coisa é o direito e outra a lei social, a lei humana, a lei natural.

Partindo deste ponto de vista, Giscard está dentro da lei? Evidente que não. Nem tampouco o governo provisório que utiliza em seu próprio benefício a vitória de fevereiro. Nem a assembleia legislativa que prende, despoja, fuzila, guilhotina as forças sociais do futuro; que vota e promulga a vontade imposta sobre a miséria.

Porém, não é somente Giscard que está fora da Lei. Também está o governo, todos os governos precedentes, toda a burguesia, todos os proprietários, os banqueiros, os comerciantes, os empresários. Todos os patrões que exploram o trabalho, a produção, a miséria e a fome do proletariado.

Sim, estão fora da lei. Está em seu direito quem protesta contra a agressão burguesa, rebelando-se com o fuzil entre as mãos, bandeirolas ao vento, ao sol das barricadas, ou individualmente, com uma faca entre os dedos, na esquina de uma rua deserta, ao amparo da noite. Matar e destituir um príncipe do seu cetro, matar e destituir um burguês do seu ouro, não significa matar e destruir um homem; significa abater uma besta feroz e destituir-la de sua vida. Em cada minuto das vinte e quatro horas do dia, para o proletariado, se trata de uma ato de legítima defesa.

Quem de você se atreveria a condenar os servos da Idade Média que incendiavam os castelos do senhor feudal, metendo as mãos em seu ventre para arrancar-lhe as vísceras e dançar

sobre as ruínas do fumegante castelo? Quem se atreveria a condenar estes seres que tratavam de arrancar o sangue e fogo a sua liberdade?

Quem se atreveria a condenar o escravo da antiguidade que golpeava o patrão, prendendo-lhe entre a fumaça de uma orgia, arrancando-lhe das mãos a taça de ouro, que depois de esvaziá-la fugia com seu butim?

Quem se atreveria a condenar os republicanos da velha Roma, que querendo liberar a República do Tirano, que apunhalavam César, lavando com sangue a vergonha de sua dominação?

Pois bem, os tempos não mudaram muito. César ainda existe. Ontem se chamava governo provisório, governo de liberação, constituintes, assembleia legislativa, Presidente; hoje se chama Giscard; amanhã poderia se chamar Marchais ou Mitterrand.

Estão mortos Brutos e todos os regicidas?

O patrão, o senhor feudal, não são iguais ao burguês de hoje?

O escravo, servos, revolucionários dos tempos atuais, a lógica é inexorável, ela orienta nossa conduta. Em pé. Recuperemos a tradição de Bruto, Espártaco, e os rebeldes camponeses da antiguidade!

Em pé! Ação! Insurreição! Revolução! Ação, insurreição, sim. Porém, para quê? Para prender-nos e metralhar-nos sem objetivo; para deixar as nossas companheiras e os nossos filhos entre o luto e a miséria? Estê seria um triste objetivo.

Revolução sim, porém, qual? A que substituirá um poder por outro poder, um homem por outro homem? Seria mais triste. Todos nós temos o direito e — quando chegar o momento oportuno — o dever de atuar; de usar os músculos que a natureza nos deu para destruir violentamente a corrente da escravidão que fere nosso peçoço e nosso pulso.



Sartre, o militante em ação.

Individualmente pouco podemos fazer. Coletivamente, podemos conseguir tudo, porque temos a força. O que nos falta para triunfar é a idéia, a fé, a paixão, o fanatismo pela idéia; fé, paixão, fanatismo sem os quais não se pode deslocar montanhas nem fazer milagres; idéia sem a qual a força é infecunda e de cuja semente só se recorrem catástrofes. A força sem a idéia é como uma locomotiva lançada a toda velocidade em uma direção em que há caminho... é um navio sem piloto nem bússola que cedo será engolido pelas ondas.

## Parte I: DA REVOLUÇÃO

Abolição do governo em todas as suas formas, monárquica ou republicana, quer seja baseado na hegemonia de um só ou na da maioria.

Instauração da anarquia, da soberania individual, da liberdade total, ilimitada, absoluta, que o ser humano possa fazer tudo aquilo o que seja ditado pela natureza.

Abolição da religião, católica ou judaica, protestante ou de outro tipo. Abolição do clero e do altar, do sacerdote — padre ou papa, pastor ou rabino —, da Divindade, idolo em uma ou em três pessoas, autocracia ou oligarquia universal.

Em seu lugar, o homem — ao mesmo tempo criador e criador — com a natureza por Deus, a ciência por sacerdote e a humanidade por altar.

Abolição da propriedade individual, da propriedade do solo, das vivendas, das fábricas, das lojas, de todo instrumento de trabalho, de produção ou de consumo.

A propriedade deve ser coletiva, una e inseparável, posseção comum.

Abolição da família baseada no matrimônio, na autoridade paterna e materna, na herança. Em seu lugar, a grande família humana, a família una e inseparável como a propriedade.

Libertação da mulher, emancipação da criança. Enfim, abolição da autoridade, dos privilégios, dos antagonismos.

Porém, em seu lugar, a liberdade, a igualdade e a fraternidade encarnada na humanidade.

À margem das abstrações do passado, esta tripla fórmula deverá desenvolver todas suas consequências concretas na realidade positiva do presente.

Em uma palavra, a Harmonia, este oásis de nossos sonhos, deixando de ser como um reflexo ante a caravana das gerações, entregue a todos e a cada um, como sombras fraternas nas unidades universais, as fontes da felicidade, os frutos da liberdade; uma vida de delícias, enfim, depois de uma agonia de mais de 18 séculos no deserto de areia da civilização.

## Parte II: DO GOVERNO

Acabamos com os governos, estes rolos compressores, estas avançadas de reação. Todo governo, — e quando digo governo estou pensando em qualquer forma de delegação, em qualquer forma de poder à margem do povo — e por essência conservador — conservados limitados, conservador retrógrado — do mesmo modo que está na essência do homem ser egoísta. Porém, o egoísmo do homem é amenizado pelo egoísmo dos demais, pela solidariedade que a natureza estabelece, seja o que for que o homem faça, entre ele e seus semelhantes. Porém, como o governo é sempre único, transforma tudo em sua própria realidade. Todo aquele que não se inclina diante de sua imagem, todo aquele que contradiz suas orações, todo aquele que ameaça sua sobrevivência, todo aquele que é a favor do progresso, em uma palavra, é fatalmente seu inimigo. Assim, quando se implanta um governo — mesmo que no início possa apresentar uma melhora com relação ao anterior —, em seguida, para se manter no poder, e lutar contra as idéias que tremem suas bases, chama a ajuda da reação. Tira do arsenal da arbitrariedade as medidas mais antipáticas às necessidades da época, acendendo fogos e artificialidade de leis de exceção até que ao ser alcançado, com a revolução, o pavio da bomba, slata pelos ares com todos os meios que empregou em sua defesa.

Pode o governo atuar de outra maneira ou abandonar um só dos seus bastiões? O inimigo, ou seja, a revolução, se apoderaria dele para colocar all as suas próprias baterias. Render-se? Quando é obrigado a se render, sabe que a rendição significa o saqueamento de seus interesses, sua submissão, e ao final a morte. Vocês, soldados do progresso, amantes temerosos da liberdade, que levam no fundo dos seus corações — como um resíduo da educação familiar e católica da juventude — o preconceito da autoridade, a superstição do poder, lembrai-vos dos governos revolucionários provisórios, dos programas e das promessas. Lembrai-vos das hipocrisias e das mentiras usadas para conseguir a confiança do povo; lembrai-vos da astúcia e da violência.

Destruindo os governos, desaparecerão as suas ambições que se servem das costas do povo, ignorante e crédulo, para planejar sobre ele suas fraudes; desaparecerão os aprendizes de arcontes que dançam sobre a frouxa corda da profusão de fé, o pé direito a um lado, esquerdo ao outro. Desaparecerão os prestidigitadores políticos que manipulam as três palavras da bandeira republicana (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), como se fossem três promessas comerciais que passam diante dos olhos dos ignorantes para depois desaparecer no fundo da própria consciência, bolsa secreta da malícia. Desaparecerão os saltimbancos de coisa pública que, desde a mais alta sacada da

prefeitura, ou desde as escadas de uma Convenção ou uma Constituinte, nos oferecem seu espetáculo "na melhor das repúblicas", espetáculo que depois nos fazem pagar — nós os pobres estúpidos — com o nosso suor e o nosso sangue.

Acabando com os governos, desaparecerão os exércitos que oprimem o povo através do povo, as Universidades que submetem ao fogo do credulismo as mentes jovens, que manipulam cérebros e corações, petrificando-os e gravando sobre eles as imagens de uma sociedade caduca. Desaparecerão os magistrados — inquisidores que torturam nos interrogatórios ou que condenam ao silêncio da prisão ou do exílio a voz da imprensa e das manifestações de consciência e do pensamento. Desaparecerão os verdugos, os carcereiros, os gendarmes, os inspetores de polícia, os espies que detectam, intimidam e matam a quem não aceita a devoção da autoridade, os prefeitos, os comissários ordinários e extraordinários.

Velha desdentada, bruxa de garras de gancho, medusa corada de víboras, Autoridade!, retrocede e deixa passar a liberdade!

Larga vida ao povo em posseção de sua soberania, à comunidade organizada.

## PARTE III: DA LEGISLAÇÃO DIRETA

Como passo para chegar à anarquia. (Embora fale da legislação direta, o fato é que sobre este ponto não vejo as coisas absolutamente claras, porém, tampouco vejo em nenhuma outra parte um plano completo de organização da sociedade absolutamente destrutiva da legalidade. O dia em que esta organização chegar ao meu conhecimento, não só abandonarei esta idéia da legislação direta, como serei o primeiro a combatê-la.)

A legislação direta, com sua maioria e sua minoria, não é na verdade a última palavra da ciência social, porque se trata uma vez mais de um governo e, como já disse, eu sou partidário da soberania individual. Porém, já que a soberania individual não tem uma fórmula real, permanecendo em estado de pura intuição, é preciso se decidir pelo mais aplicável, pela forma de governo mais democrática possível, à espera da sua abolição absoluta. Por outra parte, com a legislação direta, a maioria é a que domina. Como uma maré, movimenta-se incessantemente sob a propaganda das idéias do progresso. Em uma palavra, é o único meio, hoje, que podemos usar com proveito, a linha mais reta a seguir para chegar à realização de qualquer reforma social.

Todos que negam o desejo do povo de criar suas próprias leis, para governar a si mesmo, castigar-lhes-á, fazendo com que recordem os desejos desde 48 até hoje. Que me demonstrem que não foram inteligentes, sempre revolucionários, não tanto em seus resultados como em seus princípios. Os intriganes políticos não progredem sempre com golpes de promessas reformistas? Por acaso é culpa do povo que nenhuma destas promessas sejam mantidas? Por acaso não é certo que o dia que o povo se veja chamado a se pronunciar sobre a lei e não sobre os homens o resultado será muito distinto?

Eu considero o povo — sobretudo o povo parisiense — maduro, ou muito perto disso, para esta idéia de autogoverno, de legislação direta. Malo de 68 prova. O povo permaneceu surdo, e então as vozes de quem pretendia se tornar em seus chefes e — adornados de bandos multicolores e de títulos de representação — tratavam de lhes convencer para que defendesse suas prerrogativas. O povo se manteve alheio à "esquerda" e à "direita" que disputavam o poder. Efectivamente que importa ao povo a cor do seu patrão, quando se sofre pelo fato de ter um patrão?

Agora, com o sentido de fazer mais claro e objetivo meu pensamento, desenvolverei alguns pontos de vista: O direito ao autogoverno? — você negaria o direito da mulher? A mulher é um ser humano igual ao homem. Os burgueses de 89 fizeram a revolução em seu proveito excluindo os proletários. Proletários! Queréis cometer o mesmo erro, cometer o mesmo crime, fazendo a revolução em proveito exclusivo dos homens e excluindo as mulheres? Sem dúvida que não, porque neste caso tua cegueira e tua infâmia os tornariam iguais a seus patrões.

E ao ladrão, ao assassino, ao louco lhes negaria o direito ao autogoverno? Em nome de quê? Talvez em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade? Digam-me. Eliminar a possibilidade de autogoverno aos presos, os homens mais autorizados a se queixar da sociedade, não significa por acaso abrir o caminho à exclusão dos que pensam livremente, com o pretexto de que suas opiniões são subversivas? Então!

A polícia e o exército: — Não deve existir corpos especializados com uma organização permanente, porque seriam um perigo para a liberdade pública. O povo em armas que deve ser o único exército (...). Lembrai-vos das perseguições sangüinárias nas mãos da polícia e do exército e reclamais sua extinção civil, sua dissolução eterna.

A Justiça: — Tem que ser o povo, como consciência, quem decide onde reside a verdade, quem procure e coloque em ação. Não estou me referindo à necessidade de verdugos, detenções preventivas ou repressivas, prisões ou guilhotinas. Já passou o tempo destas monstruosidades governamentais. Só digo que qualquer um que cometer um ato contra a comunidade seja obrigado a repará-lo, ou, em caso contrário, seja expulso da comunidade.

A polícia, o mesmo que a justiça, deve ser a consciência pública manifestando-se livremente. Quando a consciência pública é livre, a polícia não tem razão de ser. Quando cada um, a nível individual, tome parte da consciência pública, poderá constatar que a própria consciência será o melhor agente de polícia.

O exército, enquanto força organizada para a manutenção da autoridade e para a guerra contra a liberdade no interior e no exterior, deve desaparecer. Todo homem deverá estar armado quando a comunas se veja ameaçada. Não se pode delegar a função de legítima defesa.

Por outra parte, um povo, o mesmo que um homem, tem força — independentemente de que haja mais ou menos hábil no manejar das armas — quando seu coração e seu cérebro amam a inteligência e a liberdade! Queimemos todos os canhões, transformemos toda sua substância metálica, como se fez com a guilhotina, em instrumentos de trabalho! Revolucionários, queréis ser fortes na luta suprema da Liberdade contra a Autoridade? Queréis vencer a seus inimigos internos e externos? Pois bem, na próxima proclamação da República daremos ao mundo um grande exemplo! Queimemos nossas fortalezas como os antigos queimavam seus barcos! Reconhecamos que é necessário vencer ou morrer. O verdadeiro prudente é o imprudente.

Ensino: — Gratuito. Identização dos proletários que estudam e aos familiares dos escolares jovens. O ensino, alimentado, vestido, alojado em uma casa especial, arejada, espaçosa e aberta à vida terra. Tudo isto no lugar do ensino a peso de ouro e da claustrofobia dos colégios.

Ensino livre. Todos poderão ensinar, colaborando no progresso. Novos planos de estudo e novos métodos baixarão do limbo da teoria e clarificarão, e receberão, à luz da experiência, o batismo da realidade. O ensino das línguas vivas substituirá o das línguas mortas. A instrução profissional a social ocupará o lugar da instrução burguesa e acadêmica. O estudo agradável substituirá o ensino embrutecedor. Os ignorantes do Catolicismo e da Universidade, os negociantes da instrução e da educação, pela dura competência da liberdade e da verdade do ensino. Todos estes mercados de pregarías e amuletos, que utilizam o pretexto da educação; serão expulsos do tempo da ciência. O professor será criado para o aluno e não o aluno para o professor.

## Parte IV: da Religião

Todas as religiões têm em comum predicar aos oprimidos à submissão, ao jugo do opressor. Se a espada do soldado faz da multidão um escravo físico, o catecismo do sacerdote — arma muito mais perigosa — faz de um escravo moral. A idéia de Deus, o culto da divindade; eis aqui a causa primeira da decadência do homem, a primeira página do livro em que foi escrita a martirologia da humanidade.

Quem nega o direito divino na terra deve igualmente negar no céu a realidade de um ser sobrenatural. Hoje achamos graças dos povos primitivos que adoravam o sol. Porém, quase tão ignorantes como eles, se não fomos mais, adoramos sob outra forma a um ser a quem nossa imaginação dota de um poder supremo. E, demonstrando sermos muito mais estúpidos — que esses povos que adoram a um astro que não só está aí como também nos é muito útil e benéfico — vamos buscar nosso idolo fora e mais além da natureza. E quanto mais nos aproximamos, mais o bendizemos. Por que quanto mais sofremos não julgamos — nos dizem os que neste mundo são felizes e gozam de privilégios — mais felizes seremos lá em cima, em um paraíso sem dúvida muito longe, por que como Deus, está além do infinito.

Não só nosso corpo, criatura carnal que este Deus nos havia dado segundo dizem eles, deve ser imortalizado cada dia pela velhice e a enfermidade, sendo também a nossa alma — criatura espiritual — deve sofrer toda classe de mistificações. E tudo isso à maior glória de Deus infinitamente bom, infinitamente justo, infinitamente amável, infinitamente misericordioso.

O clero é o envenenador da consciência humana. Em forma de sermões nos dá a dose diária de nicotina que nos leva a renunciar ao prazer neste mundo, a renunciar aos nossos direitos como homens e como cidadãos. Para que serve a divindade e o culto senão para nos habituar aos sacrifícios aos deuses da terra? Para que, — senão para trazer-nos ante toda classe de fetiches? Estudemos em vez de rezar. Instruam-nos nas ciências naturais. A ignorância, e detes caminho para o grande princípio da unidade humana, a edificação, à organização no mundo do sentimento e da liberdade.

De quem é a culpa afinal? É a culpa do patrão ou do escravo que o negro cultive a cana-de-açúcar e não o seu espírito, que o trabalhador trabalhe a matéria em vez de trabalhar sua inteligência, que a mulher lave os pratos em vez de lavar sua mente e adorná-la com sólidos conhecimentos?

Oh, família! Sodoma de todas as corrupções, festim de todos os vícios, que sobre ti cala a chuva de fogo da maldição do homem, os raios vingadores do socialismo! Oh, família, tu que carregas em teu ventre os germes da prostituição, tu que trazes em teus lábios o cíncero roedor da desmoralização social, espero que desapareças cedo do mundo de nossas instituições, e detes caminho para o grande princípio da unidade humana, a edificação, à organização no mundo do sentimento e da liberdade.

CONCLUSÃO

De pé, proletários, de pé todos! Hasteemos a bandeira da guerra social! De pé! Como os fanáticos do Corão — em melodia luta insurrecional, onde quem morre só morre para renascer na sociedade futura — reptamos o grito de anátema de extermínio contra a religião e a família, o capital e o governo, este grito de ódio e de amor — de ódio pelos privilégios, de amor pela igualdade —, este grito vingador, o grito de nossa fé: a revolução é a revolução; e a liberdade — hoje vilipendiada, perseguida, molestada, porém, amanhã será vitoriosa, firme e para sempre imortal — a liberdade é seu profeta!

A equipe d'O Inimigo do Rei agradece a Sebastião Santa Rosa pela valiosa colaboração cultural para o debate das idéias atuais e sérias deste final de século.

Traduzido da revista "El Viejo Topo", nº 19.

# Um genocídio internacional

Correspondência de Paris

"Diante da cínica inércia dos senhores deste mundo, acabamos por pensar que o respeito à pessoa humana só pode passar pelo desprezo ao poder", disse um médico do navio-hospital francês *Ile de Lumière*, testemunha direta dos refugiados indochineses.

Trata-se de um horror sem limites vivido por dezenas de milhares de pessoas, uns do mar — presos a frágeis embarcações que se debatem solitárias nas ondas do Mar da China —, outros em terra — amontoados em acampamentos improvisados, rodeados de arame farpado, ou em ilhas inabitáveis, sem medicamentos nem víveres nem água. Milhares já morreram, os outros estão na iminência de ter a mesma sorte.

Vítimas do poder, em todas as suas formas: do colonialismo francês e norte-americano; da hegemonia da China e da URSS (1), da ocupação do Camboja pelas tropas vietnamitas. Através dos anos, centenas de milhares de vietnamitas, cambojanos e laosianos têm abandonado seus países, refugiando-se, a maior parte, nos países vizinhos (Tailândia, Malásia, Indonésia, Singapura, Hong Kong) e outros na Europa — desde 1975 a França tem recebido, por exemplo, 51 mil refugiados indochineses, assim como os Estados Unidos.

## FARDO PESADO

Não obstante, o maior fluxo começou a partir de

janeiro de 1979, na derrocada do regime do Khmer Vermelho (comunista pró-chinês) de Pol Pot no Camboja, levada a cabo pelas tropas vietnamitas e a instauração de um governo cambojano comunista pró-soviético, subserviente a Hanói.

Desde então, esta situação foi agravada pela recente guerra sino-vietnamita, os vietnamitas e cambojanos de origem chinesa (que representam entre 70 e 80% do total de refugiados), instalados desde várias gerações nestes países, se viram obrigados a fugir a um ritmo de milhares por mês.

Oitenta mil chegaram à Tailândia, 76 mil à Malásia, 54 mil a Hong-Kong, vários milhares mais à Indonésia e Singapura e assim, diante da indiferença do resto do mundo, estes países têm decidido desembaraçar-se deste fardo pesado: as tropas tailandesas já devolveram, em meados de junho, 40 mil refugiados à fronteira, dos quais 2 mil, pelo menos, foram massacrados pelos khmers vermelhos ou pelas tropas vietnamitas (2), enquanto o resto corre o risco de morrer de fome; a Malásia devolveu ao mar, em precárias embarcações, milhares de refugiados — mulheres e crianças sobretudo —; a esperar a morte, com ameaças de serem metralhados se voltarem; a Indonésia deu instruções à sua Marinha no mesmo sentido. Este êxodo, tolerado e possível com o apoio das autoridades vietnamitas — que parecem haver encontrado uma nova fonte de divisas com este escandaloso tráfico humano — adota de fato as características de uma verdadeira deportação. As rivalidades nacionalistas que têm oposto tradicionalmente chineses e vietnamitas, parecem assumir aqui um matiz claramente. O Vietnã quis "impor" sua

população de todo elemento étnico de origem chinesa (1.300.000 em todo o Vietnã), suspeitando de ter simpatia pela China. Este fato, e as proporções e intensidade alcançadas pelo drama, têm feito com que muitas pessoas percebam a semelhança existente entre o genocídio pelo qual é responsável, num certo sentido, toda a comunidade internacional. "para Auschwitz se podia dizer que se sabia. Desta vez se sabe": — disse André Glucksmann numa entrevista coletiva organizada no Collège de France em 26 de junho.

Para os Estados do Sudeste Asiático, como para qualquer outro estado, as razões humanitárias cedem vez às razões de Estado. Se o equilíbrio do Estado e da defesa do "Ocidente" necessita que se devolva ao mar dezenas de milhares de pessoas, assim se fará. Por outro lado, se o equilíbrio do Estado e a defesa do "socialismo" requer que se deportem em massa a toda uma população, despojando-a e a condenando à morte, assim se fará também, com todas as partes, a preocupação ética desapareceu, dissolvida pelas considerações políticas. O cinismo dos políticos, em todas as suas variantes e cores, não conhece limites. Desde a China (que, sem perder a ocasião de denunciar o seu inimigo, O vietnã, não faz entretanto nada para ajudar os refugiados) até a URSS (que não se mete nos "assuntos internos dos aliados"), passando pelos Estados Unidos (que se "consterna" com a atitude da Malásia e da Tailândia, sem com isto abrir as portas para um maior número de refugiados). Sem falar do Partido Comunista Francês, que talvez merece a medalha da hipocrisia e da estupidez ("todo esse assunto não é, senão uma campanha publicitária capitalista").

## DRAMA INCÔMODO

O drama da Indochina é incômodo para todo mundo sem que ninguém possa tirar dele nenhum proveito. Por isso — salvo algumas exceções particulares — ninguém se preocupa com o que está acontecendo nas selvas do Camboja e nos mares do Sudeste Asiático. Os refugiados se acham tragicamente sós, tão sós como o estiveram os armênios e os judeus, como estão os palestinos e como qual qualquer um de nós pode estar amanhã.

Entre estas raras exceções encontra-se o filósofo Jean-Paul Sartre, que fez o que sempre se negou a fazer — intervir com o presidente da república — com a esperança de convencer ao Chefe do Estado, do caráter urgente das medidas a tomar. Organizações como "França, terra do asilo", CIMADE, Socorro Católico e o comitê "Um barco para o Vietnã", entre outros, têm desenvolvido até agora uma intensa campanha de ajuda e de informação. A população tem respondido até hoje oferecendo meio milhão de francos de ajuda.

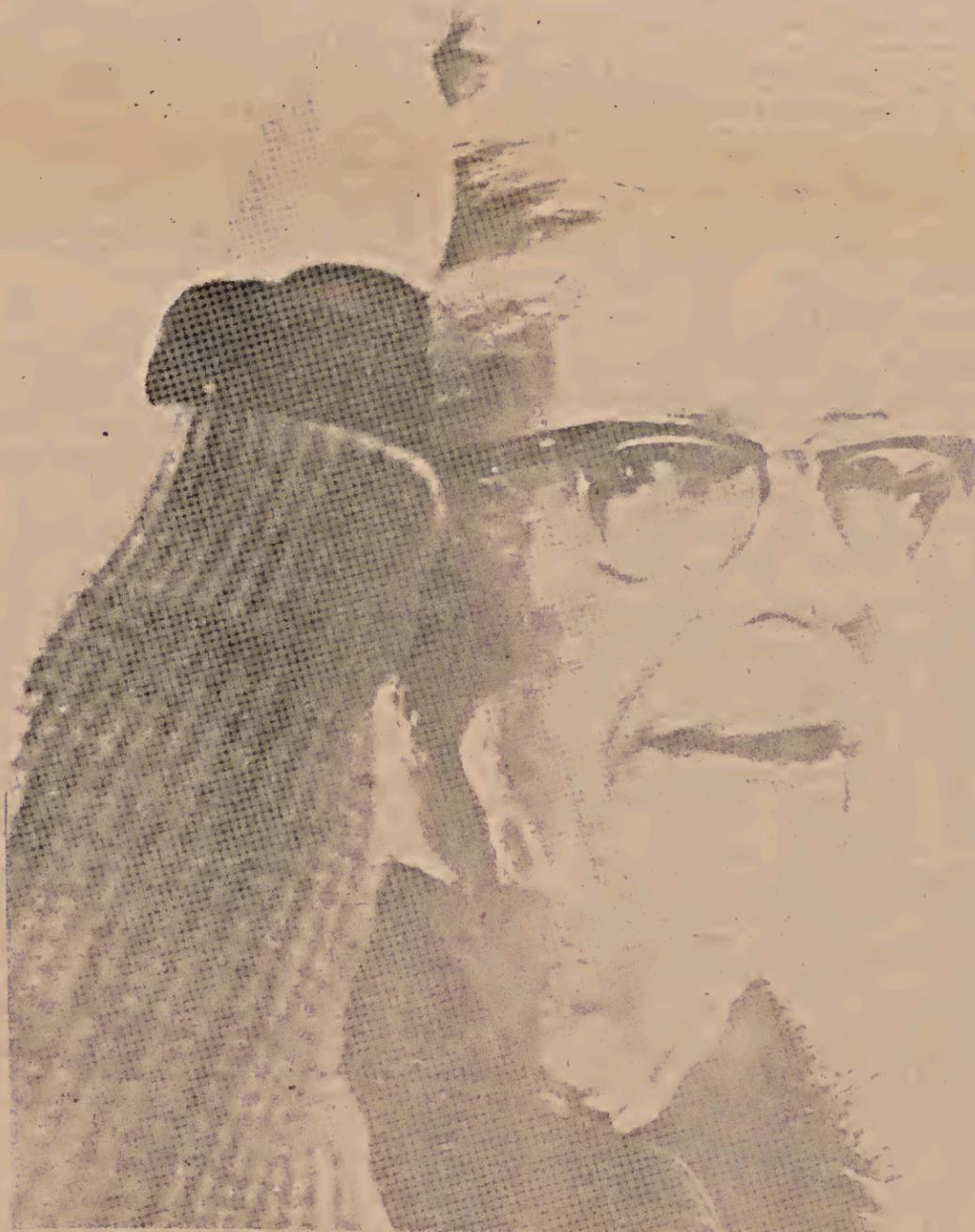
Diante do maquiavelismo de todos os Estados, diante da implacável lógica do poder, a solidariedade com os refugiados é assunto dos indivíduos e grupos que tratam de fazer com que a humanidade exista concretamente, em cada relação humana, sem dissociar o fim dos meios.

De fato, o sinistro espetáculo que nos oferece o mundo, desde as últimas décadas, onde uma desenfreada carreira até o poder parecer reger o comportamento de cada indivíduo e suas relações com outros, de cada grupo e coletividade em sua relação com as outras, parece aproximar-nos cada vez mais da alternativa humanidade ou barbárie. A anarquia — esta sociedade sem poderes da qual Sartre é partidário — deve ser também aquilo que, em cada país, se realiza nesta mão estendida aos naufragos do Mar da China. (Mais "refugiados" na página 19).

ALFREDO — julho de 1979.

(1) Ver nosso artigo n.º O INIMIGO DO REI, n.º 2, de maio, de 1978.

(2) Ver "LIBERATION", 15 a 21 de junho de 1979.



Jean-Paul Sartre: a irrestrita solidariedade com os refugiados.

## OS NOSSOS DIRIGENTES

*Têm um jeito bonito  
Não peidam  
Não fazem fofoca*

*Têm uma moral  
Não mentem  
Não choram*

*Têm um discurso  
Não se corrompem  
Não trepam*

*Têm uma aspiração  
Não desistem  
Não erram*

*Têm um ideal  
Não fazem mal  
Não se iludem*

*Têm um poder  
Não têm pressa  
Não conciliam*

*Têm uma panela  
Não comem quietos  
Não conspiram*

*Têm um destino  
Não suspiram  
Não se alteram*

*Têm uma ponte  
Não de povo  
Não de massacre*

*Têm um arquivo  
Não de preferências  
Não de incumbências  
Têm na contra-mão  
Não o povo  
Não a exploração*

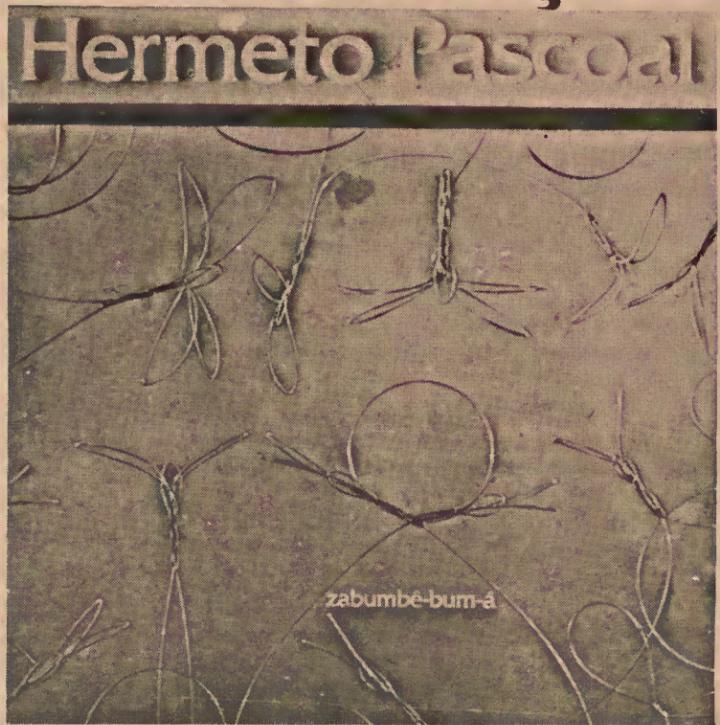
*Têm objetivos  
Não sem perigos  
Não sem alarmes*

*Têm inimigos  
Não de osso  
Não de carne*

*Têm muitas idéias  
Não prós de baixo  
Não pra platéia*

Nelson Serathiuck  
(Lausanne, Suíça)

# MESTRE DA INOVAÇÃO



Realmente, está cada vez mais evidente a grandeza e a importância de Hermeto Pascoal dentro do cenário musical. ZABUMBÊ-BUM-Á é uma verdadeira lição de inovação, ao contrário do que um tal de S.L. publicou na revista **ISTO É** (2/5/79), onde, além de colocar o disco entre os trabalhos "a se desconfiar", ainda coloca nos mesmos termos do cada vez pior George Harrison. Gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer ao Sr. S.L. que quando for ouvir Hermeto, feche os olhos, solte-se das bitolações panfletárias e, acima de tudo, AFINE OS OUVIDOS. Para não dizer babaquices como repetição de efeitos e esquecimento da preciosa musicalidade.

ZABUMBÊ-BUM-Á é, antes de tudo, um disco de grupo onde Pascoal mostra temas como "Suíte Paulistana" (Hermeto), uma verdadeira ambientação do centro de

São Paulo, tocando de mesa de cedro a tampa de cinzeiro, passando por: sax, filarmônica e até cinturão. E apresentando também duas grandes revelações: Zabelê, que surpreendeu a todos desde as possibilidades vocais até a marca do seu maravilhoso violão cravado em "Alexandre Marcelo e Pablo (Nene)". E a outra é essa beleza de sopro do Cacau, que começa com a excepcional harmonia em "São Jorge" (Hermeto) e terminando dividindo o sax com Pascoal em "Susto", com a brilhante passagem de sax barítono, lembrando até Gerry Mulligan. E ainda temos músicos cada vez mais fundamentados entre os expoentes da música, que são: Pernambuco, na percussão; o cada vez melhor Itiberê nos contrabaixos; o excelente Joyino, verdadeiro polivalente da música que começa na percussão em "São Jorge" (onde vale ressaltar a feliz improvisação de palavras de Pascoal

José da Costa) e vai adiante com o piano em "Susto" e claviete em "Santo Antonio", onde se conta com a beleza de improvisação de história de D. Divina Eulália. Isso tudo sem falar no diabólico Nenê, na bateria, que deixou muita gente boquiaberta com o tema "Alexandre Marcelo e Pablo" onde não se contentou com a bateria e partiu para o piano — diga-se de passagem, um Sr. piano.

E, meu caro S.L., quanto a estar na vanguarda vai uma resposta do próprio Hermeto:

"A música pelo músico, sem experiências nem vanguardas, apenas música sentida nota por nota, formando arranjos nos quais os instrumentos num só tempo convivem é são individualmente explorados, **ESCUTE.**"

Obs.: S.L. = Silvio Lancelotti

Sérgio Garcia Guerra

## Um evento musical

Foi o que ocorreu nos dias 31 a 3/6, em Salvador. Vinte dos melhores músicos baianos reunidos num sensacional, indescritível show de M.P.B.C. fazendo acontecer na província. Foi dos melhores (se não o melhor) acontecimento musical de dois anos para cá na Bahia. A complexidade musical chegou quase ao máximo com a beleza da acústica do Teatro Castro Alves. Começando com "Saltitando", de Guilherme Maia, que tem passagens sutilíssimas, com arranjo e regência do próprio. E finalizando com o "Piano de Marte", tema com uma fenomenal variação de acordes, também com arranjo do excepcional Guilherme Maia. Sem se esquecer do tema "Tem a ver" (título do show) de Samuel Mota, também arranjado e regido pelo próprio. "Tem a ver" foi um show dos mais profissionais já visto nos últimos tempos, uma verdadeira aula.

Os músicos básicos foram:  
flautas: Samuel, Paulo Bento, Paulinho, Cacá e Tuzé de Abreu  
trumpete: Juracy Bemol  
soprano: Marquinhos e Tuzé  
sax alto: Veleu e Tuzé, sax tenor: Thomas e Admar  
trombone: Fred e Gerson  
baixo e.: Carlinhos e Guilherme, baixo a.: Guilherme  
bateria: Afonso e Anunciação  
percussão: Rubens  
piano: Zeca e Gessildo  
voz: Andrea Daltro  
S.G.G.

## Mr. Sérgio Cabral

Acabo de ouvir o programa **Abertura** (TV Tupi) no qual Mr. Sérgio Cabral estava clamando aos programadores de rádio que parem de tocar músicas importadas e aproveitando para fazer o lançamento do clube do samba (do qual é vice-presidente), apresentando o presidente, Exmo. Sr. João Nogueira. O clube, segundo esses, é uma proposta de tentar dar maior força ao autêntico sambista. A meu ver, uma proposta elitista e nacionalista, embora o Mr. só beba scotch. Ele se esquece que as questões básicas não estão aí, a luta não pode ser essa, pois a música é universal, assim como o problema do músico. Então, penso que o fundamental não é a luta pelo samba e sim a luta pela música, pelo músico. Mas não-mais uma organização com seus valores hierárquicos, o que deveria ser feito seria uma associação de músicos, feita por todos, com simples coordenadores, e que esta tivesse autenticidade e autonomia para concorrer e se possível acabar com o ECAD e Ordem dos Músicos, órgãos que hoje vivem de burocracia, sem se preocupar com a dramática situação do músico.

Mr., não sei se ignoras, mas o problema do músico está na raiz: na falta de instrumental bem nacional, na máfia das gravadoras etc. Acho também que o Mr., em vez de ficar clamando por músicas nacionais nas rádios, deveria denunciar, lançar interrogações ao público e ao músico do processo corrupto e mafioso que o cerca, para que este tente se organizar sem mais roubos e discriminações. S.G.G.

# AÇÃO DIRETA. O RESTO PS, PTB, PT: o doce cheiro do

No número anterior do jornal procuramos situar dentro de uma crítica as tradicionais formas de organização política (os partidos parlamentares e os sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho). Um sindicato livre, que com uma carta de princípios encerre uma proposta de luta e de transformação da sociedade, sem o recurso de nenhum tipo de intermediação institucionalizada para o conflito.

Nossa preocupação está voltada não só para a nossa realidade; estamos preocupados num sentido maior, nos desvios ocorridos nos países socialistas, como também estamos preocupados em questionar a validade da estrutura partidária, a visão de transformação que pressupõe.

No caso dos países socialistas, não se trata de "queimar" Stalin, Trotsky, Lenin, Marx ou quem quer que seja, pelo fato da revolução não se ter concretizado. Trata-se, sim, de compreender que os indivíduos não fazem a história separadamente das condições objetivas e subjetivas, apesar de que deles dependa o seu rumo. Os personagens são agentes e testemunhas privilegiadas, são antes de mais nada produtos históricos de situações socialmente dadas, onde o indivíduo é um importante componente para a análise mas, se não fossem estes, outros ocupariam o seu lugar. Daí ser importante que os estudos como fazendo parte de uma realidade maior, para melhor compreender suas manifestações. Compreender os porquês de certas situações tornarem-se repetitivas. Os porquês dos fracassos da revolução de outubro de 1917 e outras. O porquê do socialismo, enquanto regime de transição, não ter conseguido realizar ainda a igualdade e a liberdade, que eram suas metas. Os porquês de, paradoxalmente, ter-se transformado em um sistema social que, além de negar seus princípios, fundamenta um novo tipo de dominação: a capitalista-estatal.

A proposta que se abre então para discussão é a de um tipo de organização sindical que tenha como meta a construção de uma organização não autoritária para a sociedade. Que se construa sobre as necessidades de produzir, consumir e de se reproduzir. Que seja uma alternativa de participação e de vida. Uma organização onde o seu próprio processo de construção signifique uma perspectiva libertária de destruição do Capitalismo e do Estado. Isso requer outra visão de transformação, outro processo, a ação direta.

## ONDE E COMO SE ORGANIZAR?

A ação direta é uma ação que ocorre no próprio local das contradições.

Diariamente nos deparamos em casa, na escola, no trabalho, na rua, nos locais de diversão e de lazer, com situações que nos deixam um tanto quanto "perdidos" e as quais preferiríamos não viver. É a "grana" que nunca chega. É o medo de perder o emprego ou a vaga. São as pessoas que se matam e que mesmo são mortas pelas péssimas condições de vida e trabalho. É a falta de perspectivas de vida que explicam nossa existência. É o autoritarismo, o "puxa-saquismo" de certos colegas. É a falta de compreensão, de amor e de afeto. São as violências do cotidiano. É o ser humano que só é considerado como tal do ponto de vista da produção. Onde a qualidade de vida, o ócio, as aspirações, a sexualidade são consideradas secundárias, ou mesmo negadas. Onde não temos a mínima noção da utilização do produzido. São situações que nos enchem de dúvidas, são contradições que nos perseguem. E às quais podemos responder no exato momento em que acontecem, resistindo, propondo saídas alternativas mas que realmente acabam quando o sistema mudar.

Sabemos que tudo é relativo na vida, e que todas as contradições são importantes (dependem do grau de importância que lhes conferimos).

Se perdemos as ilusões de que é possível viver num mar de de tranqüilidade, de que tudo é obra do acaso, que as pessoas não são mais ou menos ricas por terem trabalhado ou estudado muito, veremos que vivemos dentro de relações sociais (empregado-patrão, marido-mulher...) definidas historicamente. Onde a estrutura da sociedade atual é resultante dos conflitos de interesses entre o Capital e o Trabalho, entre o Estado e a Sociedade, entre Capitais. O Capital sendo representado pelos proprietários da Riqueza (e do Poder) e o Trabalho pelos que a geraram e a mantêm.

A estrutura da sociedade é uma resultante direta da luta de classes. Sendo que a posição que ocupamos nela foi historicamente conquistada. Precede e antecede conflitos. Daí que a divisão do trabalho não tenha "nada de técnica. Ou que a própria técnica já é sua resultante social.

"... as ciências e as técnicas de produção pressupõem relações de produção e de divisão do trabalho capitalistas, na sua orientação, sua demarcação, sua especialização, sua prática e até na sua linguagem."

André Gorz — La Divison Capitalista del Trabajo Cadernos PyP n.º 32

Então poderíamos afirmar que a questão maior não está, simplesmente, em organizar os trabalhadores, como muitos o afirmam. Pois estes já estão organizados dentro da produção. O que falta é que adquiram a clareza de que "o seu trabalho é a fonte de vida da sociedade", que o lugar que ocupam já é um resultado histórico das lutas pelo controle e organização do trabalho e que a sua reivindicação maior está na autogestão.

"A base e o fundamento da organização, não é, pois, senão a própria situação concreta, palpável, das condições de vida, de trabalho, de habitação; numa palavra, na situação social dos trabalhadores. O fato de estar assentada na realidade social possibilita, desta forma, a organização, uma grande capacidade de resistência e garante a manutenção do caráter operário da organização."

Bakunin — Por Rudolf Yong — texto xerografado

Organizar-nos nos locais de produção, habitação, estudo, recreação, lazer; organizar-se em função de coisas concretas, palpáveis, em cima de lutas, é atuar conscientemente dentro desses locais, é fazer a praxis no cotidiano, é viver intensamente todos os momentos, é a nossa proposta. É... proposta de construir uma organização revolucionária que ligue todas estas lutas, potenciando-as.

Temos a preocupação de afirmar, que essa proposta ainda não está clara no nosso dia a dia. E ao fazermos esta afirmação, procuramos que sejam reabsorvidas as lutas existentes dentro de uma perspectiva maior.

## CRÍTICAS ÀS PROPOSTAS "VANGUARDISTAS"

Mesmo as correntes mais coerentes do pensamento materialista tupiniquim acreditam que as contradições, ou seja, sua percepção ou conscientização, aconteçam como decorrência de um ato puramente reflexivo no mundo das idéias, que não são decorrentes das situações concretas de vida. Daí que não construam suas propostas organizativas de dentro da própria realidade social, do

quotidiano. Surgindo das idéias, dos princípios, essa organização procurará, como é claro, nos ensinar sua interpretação de realidade e suas propostas. Procurará, antes de mais nada, preparar o seu caminho para, como seus únicos intérpretes aceitáveis, colocá-las em prática.

Em geral, os princípios éticos que norteiam esse tipo de proposta são os de que qualquer meio ou procedimento é útil, desde que fortaleça a organização. Essa proposta buscará antes de mais nada, a conquista do Poder. Na realidade, os partidos não têm propostas de organização para a sociedade. Eles propõem-se a si próprios, como organizadores da vida social. Seus programas são feitos para a conquista do Poder. As lutas válidas são aquelas que permitem uma rápida escalada do Poder. E se o centro de sua preocupação muda, é porque também muda o dinamismo, o centro de preocupações das pessoas. A questão é, então, conquistar (ganhar, "fazer a cabeça") pessoas para chegar ao Poder e para "amanhã" realizar o socialismo.

O que vai diferenciar essa proposta da nossa é a sua visão de processo e a compreensão de qual o papel das "minorias esclarecidas". Enquanto imaginamos um longo processo de aprendizado organizativo, de construção de uma proposta alternativa com o conjunto da população sedimentada sobre avanços e recuos, de fortalecimento na luta que traga consigo a destruição do Estado, como estrutura diferenciadora, essa outra proposta já tem suas "verdades" descobertas e espera apenas aplicá-las. Ela trás consigo, implícita, a questão da eficiência, que exige quadros adestrados, seja política, seja militarmente ou ainda ambos. E está claro que exige capacidade, determinação, disciplina, coerência. Exige um tipo de pessoa especial, exige um tipo de participação. E ao que leva isso? Leva ao distanciamento das questões fundamentais, da compreensão também da sua subjetividade (as questões psicológicas, ideológicas) leva a um distanciamento das condições concretas da vida, seprando-se cada vez mais do que é real. E, como tudo que não é real, para existir tem que nos ser imposto. Exige maior controle, maior repressão. O indivíduo passa a ser vítima de si próprio (vide os expurgos na URSS).

O objetivo não é a qualidade e o que interessa são militantes dóceis, que saibam cumprir ordens, repetir. Passa-se a adular a vida e pretende-se construir um novo Homem, uma nova Mulher (aliás, a boeira de Hitler era outra: queria uma raça pura. São princípios que conduzem à tirania, "são gostos" e eu prefiro cachaça). Mas continuemos na tragédia. Tudo isso dentro de um modelo de comportamento estereotipado que antes de mais nada é a própria expressão de classe dos autores e não tem nada a ver com socialismo. Por mais belos e inflamados discursos que se façam.

## EVITAR A REBELDIA

Daí, a revolução passa a ser uma "questão de intelectuais", ou que a eles diz respeito; passa a ser uma questão de "educação das massas", onde o que existe, na realidade, é instrução. Sendo os instrutores de hoje os bem-aventurados de amanhã.

Não negamos às "minorias esclarecidas"; o que discutimos e negamos é o seu caráter dirigente; sabemos que a realidade por si só não trará as soluções e que isto só acontecerá dentro de um processo, dentro da praxis conjunta. Como Paulo Freire muito bem o definiu:

"Essa idéia de que o educando é de que se fosse uma "caixa" na qual o "educador" vai fazendo seus "depósitos". Uma "caixa" que se vai enchendo de "conhecimentos", como se fosse o

# É SONHAR NO VAZIO veneno do passado voltando

conhecer o resultado de um ato passivo de receber doações ou imposições de outros."

"... essa falsa concepção da educação, que torna o educando passivo e o adapta, repousa igualmente numa falsa concepção de homens (que ele chama de concepção bancária), onde a consciência do homem é algo especializado, vazio, que vai sendo preenchido com pedaços de mundo que vão se transformando em conteúdos de consciência. Essa concepção mecanicista da consciência implica necessariamente em que ela esteja permanentemente recebendo pedaços da realidade que penetra nela. Não distingue, por isso, entre entrada na consciência e tornar-se presente à consciência."

Então "... a consciência é essa caixa que deve ser preenchida, é esse espaço vazio à espera do mundo; a educação é então esse ato de depositar fatos, informações semi-mortas, nos educandos."

"... a inquietação fundamental dessa falsa concepção é evitar a inquietação. É frear a impaciência. É mistificar a realidade. É evitar a desocultação do mundo. E tudo isso a fim de adaptar o homem."

"... disso resulta que os educandos inquietos, criadores e refratários à colificação, sejam vistos por essa concepção desumanizante como inadapitados, desajustados ou rebeldes."

"... nega a realidade em devenir. Nega o homem como um ser da busca constante. Nega sua vocação ontológica de ser mais. Nega as relações homem-mundo, fora das quais não compreende nem o homem, nem o mundo. Nega a criatividade do homem, submetendo-o a esquemas rígidos de pensamento. Nega seu poder de admirar o mundo, de objetivá-lo do qual resulta seu que fazer transformador. Nega o homem como ser da praxis..."

Para afirmar mais adiante "... a educação se constitui como verdadeiro que fazer humano. Educadores-educandos, educandos-educadores, mediatizados pelo mundo, exercem sobre ele uma reflexão cada vez mais crítica. Identificados nessa reflexão-ação e nessa ação-reflexão sobre o mundo mediatizador, tornam-se cada vez mais ambos — autenticamente —, seres da praxis."

Paulo Freire — Conferência maio/1976

Negam-se então as "vanguardas" que se autoproclamam como solução, que se institucionalizam como sujeitos mediadores da ação, dando-lhes seu sentido, que pretendem, ao falar por, antes de mais nada garantir sua posição de poder.

Necessitam, então, criar órgãos, pelos quais as lutas "passem" e que terminam por ser uma espécie de pára-choques "institucional, com capacidade de crivar os conflitos e transformar os interesses gerais das pessoas em plataformas políticas das quais são representantes e mediadores e, o que é pior, conciliadores de interesses e poder moderador do conflito real.

## A AÇÃO DIRETA COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Essa idéia de não restringir à política ou ao que se entende por tal (ao âmbito da política parlamentar) é ao que se chamamos de ação direta. E essa idéia surge como uma contraposição. Já que a política parlamentar pressupõe uma ação mediada ou intermediada entre os agentes e o objeto da ação, aqui entra a questão do papel dos intelectuais, das

minorias esclarecidas. A ação direta, antes de mais nada, traz uma noção de praxis; ela é entendida como elemento desencadeador e formador de um processo social. Processo orientado no sentido de redimensionar as relações internas (horizontais e verticais). Processo que se entende como fundamental e obrigatório e que age como elemento educativo ao nível ideológico, preparador de outra estruturação social. Por isso, vai privilegiar a questão de como as coisas são discutidas, como as coisas são encaminhadas, pois, desse processo, onde se englobam diversas propostas, onde deve existir uma que procure organizar a vida livremente, onde elas interagem entre si, da forma como tudo isso acontecer dependerá o objetivo final.

Quando dizemos que ela se contrapõe à noção de ação mediada, assim o fazemos por que esta pressupõe a questão da ideologia, do processo, da ação reflexiva como secundária, pois sua ótica passa por em primeiro lugar conquistar o Estado, para depois realizar o processo de socialização. Como se socialismo pudesse ocorrer por decreto, ou como se uma simples mudança de orientação na economia levasse ao socialismo.

Bem, como só queremos, neste trabalho, colocar apenas em discussão a questão da ação direta, sem nos aprofundarmos muito (ao menos mais do que foi feito), cumpre-nos dizer que esta discussão não é nova (Marx e Bakunin discutiam esta questão na Primeira Internacional), e que já foi a tática de luta do operariado mundial. Hoje, quando as táticas políticas da social democracia marxista mostram o seu verdadeiro sentido anti-revolucionário, quando existe uma profunda crise da esquerda, quando conceitos são reelaborados, as coisas são repensadas. Ou seja, quando não se encontram táticas adequadas ao nosso momento histórico, o caminho parece dualizar-se entre ou procurar soluções de compromisso (mesmo que temporário) ou partir para a luta armada. A luta armada, no Brasil, deu no que todos sabem. Os compromissos estão aí a todo vapor. As siglas estão voando, o PTB (de Lisboa) vai crescendo.

O PT idem. Mas nos parece que de uma certa forma tudo isso tem um certo cheirinho de coisa já conhecida. É o doce cheiro do veneno do passado voltando, assim como suas figuras principais, pensando que as coisas continuam as mesmas, que basta mudar a fraseologia. Mas o conteúdo é que está em questão. Mesmo assim, somos favoráveis à volta de todos, à legalização de todos os partidos, pois dessa forma ficam claras as posições.

Muitos outros grupos procuram saídas diversas. Depois da ação direta já ter sido patrimônio exclusivo do anarcosindicalismo, ressurgiu hoje, no mundo inteiro, nas mãos dos mais diversos movimentos. Quem não sabe dos boicotes ao aeroporto internacional de Narita, no Japão? Das lutas contra a poluição nuclear na Alemanha, França e outros países? Dos movimentos ecológicos, feministas, dos homossexuais, dos negros? Das lutas pelo aborto livre, pelo divórcio, das barricadas populares para pavimentar, calçar ruas, promover serviços assistenciais urbanos, da construção de creches populares, dos mutirões para a construção de casas, dos homossexuais, em uma infinidade de lutas?

Em um documento de um encontro de Bispos da América Latina que levou o título de "A NÃO VIOLÊNCIA EVANGÉLICA COMO FORÇA DE LIBERTAÇÃO" vamos encontrar um trabalho de Jean Goss, de Viena (Austria), chamado "A não violência, seus métodos de ação a partir de experiências concretas", (os trabalhos de base que desenvolveu no Brasil, foram muito interessantes), demonstra como a partir das experiências con-

cretas de lutas populares, de resistência, de desobediência civil (cita o caso das lutas dos negros nos Estados Unidos e da luta do povo Tcheco, contra a invasão Russa em 1968), como se descobriu um potencial incrível de lutas, de ação não convencional (não comprometida), que é justamente a ação direta dos interessados, organizados na defesa dos seus interesses imediatos, alertando a sociedade e pressionando o Poder. Goss chega a esquematizar o que ele chama de ação não violenta: (aliás a ênfase é interessante, pois em um dado momento histórico a radicalização do processo de lutas nos diversos países, fez com que a ação direta assumisse uma conotação de luta armada. E essa noção perdura em muitos até hoje (que esta é a sua única expressão). Vamos ao esquema:

## ESTRUTURA ESQUEMÁTICA NÃO VIOLENTA

- Etapas:
- 1) Preparação
    - a. análise dos conflitos;
    - b. processo dos grupos de base (processo educativo).
  - 2) Métodos de Ação Não Violenta.
    - a. o diálogo (negociação)
    - b. ação direta.
    - c. desobediência civil ou não cooperação.
    - d. programa construtivo.

Como não daria para transcrever tudo (sua explicação), vamos copiar apenas uma.  
"... a ação direta, não é mais do que a transposição do diálogo do terreno privado ao público."  
"Pretende:

- a) denunciar publicamente a injustiça existente... tentar formar a opinião de um público mais extenso, o que trará como consequência uma ampliação da base e o desenvolvimento do número dos cooperadores.
- b) exercer uma crescente influência moral e política sobre os grupos responsáveis, via a ampliação da base e o desenvolvimento da problemática. Ou seja, as vítimas, que freqüentemente não passam de pobres coitados ou grupos de marginalizados, transformam-se em aliados mais úteis: em uma força social."

Entre as formas de ação direta, enumera as seguintes: "as manifestações, nos meios de difusão (rádio, a televisão e a imprensa), panfletos, cartazes, murais, passeatas, demonstrações, teatro ao ar livre".

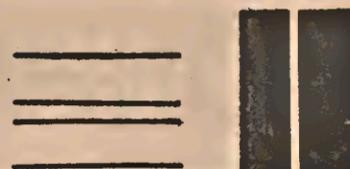
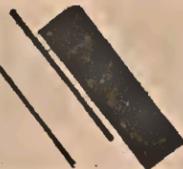
Como vimos a noção de eliminação de intermediários para a ação, vai implicar numa riqueza incrível de recursos, só concebíveis pela capacidade de criação da população. As medidas podem ir de um efeito puramente demonstrativo até às de caráter mais revolucionário, ou seja, a autogestão da sociedade (dos meios de produção, consumo, lazer, educação).

As medidas vão variar de boicotes, operações-tartaruga, indo até as greves de conteúdo revolucionário. Enfim, tudo aquilo que for exigido em cada momento pelos agentes sociais em luta.

Essa noção, essa visão de processo, é que vai permitir, dado o dinamismo da sociedade, um movimento interno permanente e que dirá o que vai acontecer, como vai acontecer e onde vai acontecer. O resto é sonhar no vazio.

José Onofre de Porto Alegre

# BIBLIOTECA



## Antologia do pensamento socialista libertário

"A liberdade dos indivíduos não é uma realização individual é um produto coletivo. Sem a participação de toda sociedade humana nenhum homem seria livre."

É assim que Mikhail Bakunin dirige-se aos trabalhadores do Vale de Saint-Imier (Suíça) numa conferência sobre a liberdade, na qual ele coloca, de maneira clara e objetiva, algumas premissas básicas do socialismo libertário. Como se sabe, Bakunin foi e é uma das grandes figuras do pensamento libertário. O seu pensamento influenciou — muito mais que o de Marx, apesar de alguns erroneamente pensarem o contrário — as lutas dos trabalhadores da Europa do século passado, mais especificamente na França. E continua agora a influenciar a maioria do movimento operário espanhol. O pensamento de Bakunin não é muito conhecido cá por estas bandas. Somente por alguns poucos. E estes não fazem com que seja propagado. Uns porque não detêm os meios de difusão, que sabemos bem em que mãos se encontram. Não podem, portanto, fazer nada. Outros, da imprensa dita de "esquerda", não têm o menor interesse em Bakunin e o mesmo nos outros pensadores libertários, porque estes possuem um pensamento claro, lúcido, objetivo e de fácil assimilação por parte das massas. E é exatamente o que esses senhores, engalfinhados em suas mirabolantes estrepolias "dialécticas", não querem. Pois, sendo assim, perderiam o seu tão precioso status de "intelectuais de esquerda". E sua prerrogativa primeira, o controle e a direção das "massas alienadas e ignorantes" para a "construção da sociedade do futuro". Este dogma, por sinal, se parece muito com aquele, muito em voga, séculos atrás, através do qual era dado ao rei o direito de governar despótica e absolutamente o povo, porque "Deus assim o quis"

(isso com o apoio público e notório da nossa "santíssima igreja", que "nunca fez mal a ninguém").

Mas, continuemos o raciocínio: aqueles que se opuserem ao pensamento oficial desses donos da verdade, do seu Deus onipotente e onipresente (Marx), cairão em total desgraça e levarão para sempre nas costas a cruz denominada — por mim — de "correções para a mentalidade contra-revolucionária".

Mas, felizmente, há raras e honrosas exceções. Uma delas é o Nelson Abrantes, que fez a seleção e a produção de textos de algumas das grandes figuras do pensamento libertário, como, por exemplo, o já citado Bakunin. Ou ainda Rudolf Rocker, que começa seu texto com o seguinte título: "Soviets traídos pelos bolcheviques", no qual fala uma porção de verdades que quando são reveladas são logo classificadas pelos meninos pró-Moscou como "intrigas da CIA".

Há ainda a Tina Tomasi, com a sua proposta pedagógica libertária, na qual dita sem pestanejar o que é, na verdade, educação: "Educar é o mesmo que ajudar a qualquer ser humano, sem exceção, na difícil luta pela autolibertação das forças sobre-humanas que tentam anular-nos como individualidade".

Já Cornelius Castoriadis, — que, pessoalmente, acho o ponto alto do livro — com suas críticas implacavelmente ácidas ao regime soviético, nos faz ver, com grande precisão e clareza, os absurdos deste regime e mesmo de algumas premissas do pensamento de Marx.

Finalizando, temos o monstruoso Errico Malatesta e a sua "Solução Libertária para a Questão Social", texto que, antes de tudo, pra mim, é uma poesia.

O nome do livro é "Antologia do Socialismo Libertário", da Edições Mundo Livre Ltda. Cr\$ 60.

Por Tonho Starteri

## O chicote do feitor

Ao Inimigo do Rei:

Uma publicação do suposto Sindicato dos Jornalistas Profissionais (?) do Estado da Bahia ocupa parte de seu espaço para ataques de caráter pessoal, em meio a uma péssima editoria em que o restante são elogios e auto-elógiros aos pelegos e neo-pelegos que se apropriaram de uma entidade que caminha para a morte final. Vive a extrema-união. Senão, vejamos:

— Sob o título "NA TARDE", um feitor comanda a redação", o jornaleco perde uma boa oportunidade de usar o espaço para noticiar em volta de problemas que envolvam de forma concreta o conflito entre o Capital e o Trabalho, a exploração dos jornalistas pelas empresas e a censura interna, limitando-se aos ataques de ordem pessoal a... um chefe de reportagem de um jornal de Salvador.

— Como o Inimigo é feito por jornalistas que praticam a ética (e não

apenas falam dela quando querem fazer ataques), restaria lembrar que feitores existem, como os que ocupam os países da Europa Oriental, por exemplo, mas que o feitor supremo, na sociedade atual, é o Capital e não o Trabalho, já que dá mais valla tanto o peão de trecho como os responsáveis pelas capatazias.

— Portanto, como conheço a vítima dos ataques gratuitos (formulados por quem está usando a imunidade sindical oferecida pelo Estado para esconder incompetência técnica e semi-analfabetismo) tomo sua defesa publicamente, não para negar que Reynivaldo Britto possa ser até um macacão amarelo (empregado de confiança da empresa), mas para dizer que FEITOR, sim, são os acionistas que detêm o Capital. Britto, no máximo, não passa de um chicote do Feitor.

Agradecido, V.M.

## Operário também sabe escrever

A imprensa operária no Brasil, entre 1880 a 1920, feita por operários, financiada por operários, difundida por operários, difere totalmente da atual imprensa que, falando em nome do operário, é escrita, difundida e mantida pela classe burguesa intelectual.

De operário não sentimos nem o cheirinho, ou melhor, o budumo, o xexê, a inhaca. E tudo Chanel nº 5. E tome proletariado por todos os poros.

Agora Maria de Nazareth Ferreira, organizadora do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, que é sem discussão um dos maiores arquivos do movimento operário no Brasil, nos dá, em trabalho cuidadoso, um panorama da extensão e importância da imprensa operária no Brasil.

Numa época em que não existiam rádio e TV. Com estradas péssimas, ausência de rodovias, comunicações efetuadas pelo precaríssimo correio nacional, a imprensa operária, totalmente de ideologia anarquista, representou o meio eficiente da divulgação de uma mensagem revolucionária. Foi eficaz no sentido de aglutinar as aspirações da classe operária brasileira. Penetrou no mais recôndito do ter-

ritório nacional, através do sistema de pacoteiros (pessoas que recebiam determinada quantidade de jornais e se encarregavam de vendê-lo), venda avulsa, jornaleiros, etc.

Mas o livro de Maria de Nazareth não trata de modo seco da imprensa operária; procura também traçar uma evolução da sociedade brasileira, da influência das idéias libertárias trazidas pelos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, das lutas pela instalação dos primeiros sindicatos, da defesa de sua subsistência. Trata também de como os operários procuraram suprir a carência de cultura através da criação das escolas racionalistas, etc.

No final, uma séria mancada da Nazareth ao encampar a frase feita de que a fundação do P.C. foi a morte do anarquismo no Brasil. Não tivéssemos nós próprios discutido com a autora as causas reais desse debilitamento e então, por superficialidade, poderíamos admitir a frase infante.

A Imprensa Operária no Brasil (1880-1920), de Maria de Nazareth Ferreira, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1979, 163 pp. Cr\$ 100,00.

Por José Liberatti

## Aleluia, aleluia! Um livro do sr. Carone pode ser lido!

Finalmente, um livro do sr. Edgard Carone em que o leitor irá devorar entusiasmado, sem interrupção, suas 578 páginas de matéria compacta, sem ter engulhos ou indigestão.

O autor, que tem estilo insuportavelmente chato, já produziu uma série de textos sobre a República Velha, República Nova, Estado Novo, Pensamento Industrial no Brasil, O Tenentismo etc. São livros que muitos folhearam, alguns leram a introdução e pouquíssimos tiveram fôlego de gato para chegar ao fim dos catafalcos sem precisar de internação urgente em clínica de repouso, ou de tratamento analítico.

Entretanto, no livro Movimento Operário no Brasil (1877-1944), o autor teve o bom senso em deixar que os operários se tornassem presentes por seus próprios escritos. Temos então uma excelente coletânea apresentando o pensamento e posições operárias, que mostra, entre outras coisas, que certos escritores academicamente rançosos muito bem fariam se fechassem a boca e deixassem fluir apenas o autêntico pensamento sindical e anarquista.

O livro está dividido em duas partes; a primeira sob

o título geral de "A Condição Humana", contém textos que retratam a vida dos operários, os bairros e as casas operárias, os centros de educação de trabalhadores, o trabalho nas fábricas, a vida nos sindicatos, a prática das greves, as expulsões de operários, o protesto dos trabalhadores etc.

Na segunda parte, trata dos socialistas reformistas, centros e partidos reformistas, o Anarquismo, o P.C.B. e o Trotskismo etc. Entremeados tudo, as considerações do autor tentando situar o movimento anarco-sindicalista e operário de modo geral. É o que de mais dispensável existe no livro. Por outro lado, os textos operários são ótimos. Recomendamos, pela primeira vez, um livro do sr. Edgard Carone. Que não seja a última!

Movimento Operário no Brasil (1877-1944), de Edgard Carone, DIFEL/Difusão Editorial S.A., São Paulo, 1979; 578 pp; Cr\$ 297,00.

Por José Liberatti

## CARTAS

Carta endereçada ao Jornal do Brasil e, mais uma vez, ignorada em termos de publicação.

## Esta foi pro JB...e não saiu

Sr. Diretor:

Nosso destino não é a adesão, é o sacrifício. Oswaldo de Andrade, Marco Zero, II.

Nos últimos tempos, parece, certa forma de "pesquisa histórica", mormente a que aborda as lutas operárias, vem assumindo proporções exacerbadas e — por que não? — banais.

Tal é o caso do último, do recém-lançado livro de autoria do sr. Edgard Carone, "Movimento Operário no Brasil (1877-1944)", cuja tão repentina quanto súbita carga documental indica duas possibilidades: ou o citado historiador, em tempo meteórico, logrou reunir fartíssimo material através de hercúleo labor, ou, o que creio ser mais ajustado, estamos diante de um, por assim dizer, aproveitamento da obra alheia, ou seja, dos sólidos trabalhos de um homônimo — o sr. Edgard Rodrigues.

Isto chega a ser tema para um ensaio, dadas a tão fortes "semelhanças". Ensaio este que, dentro de pouco tempo (chovendo ou fazendo sol), estaremos publicando, objetivando mais detidamente analisar as coisas.

Logo na introdução, no primeiro parágrafo, o sr. Carone menciona como sendo "o mérito de Edgard Rodrigues acentuar a presença do anarquismo". Ora, meus amigos, por que razão então nenhuma (EU DISSE NENHUMA) obra de Edgard Rodrigues é citada na copiosa bibliografia contida no livro?

Minha indagação adquire vulto ao nos depararmos com os títulos de alguns capítulos (sem falar no estilo

empregado para a construção dos mesmos, em tudo, ou quase, "similares" ao do (o sr. Edgard Rodrigues). A saber: "A casa operária"; "A educação operária"; "A vida do sindicato"; "A prática da greve"; "Contra a expulsão do estrangeiro"; "O protesto operário"; "A solidariedade operária"; "O anarquismo: a ideologia". Todos eles abarrotados de citações, fontes e referências encontradas (o sr. Edgard Rodrigues teve o seu primeiro livro, "Socialismo e Sindicalismo no Brasil", publicado em 1969, tratando das lutas operárias) nos escritos do referido Autor — autêntico pioneiro na edificação não-sectária da História do Movimento Operário no Brasil (título, aliás, do conjunto de sua obra), esforço que se estende até nossos dias (recentemente apareceram "Novos Rumos — Pesquisa Social, 1922-1946" e "Alvorada Operária — Os Congressos Operários no Brasil") numa empreitada, esta opinião é compartilhada por vários especialistas, única em nosso País.

Se, como diria Bakunin, o que nos move é o senso de justiça social, naturalmente esta absurda atitude, desproporcionada mesmo, não poderia passar sem um comentário, sem uma recolocação de valores, vale dizer.

Reitero, portanto, a necessidade de, sob a forma de livro, mais adequada à situação e ao exame da mesma, dissecar aquilo que transcende a coincidência, desabando na pura e simples transcrição linear.

Cordialmente,

Nelson Abrantes.

# AUTO GESTÃO IV

**C**atalunha, por suas condições especiais e pela participação anarquista nos acontecimentos, permite estudar como se realiza a autogestão na Revolução Espanhola. O movimento tomou ali caráter de nítida transformação social.

A primeira medida da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) foi declarar greve geral revolucionária. Os trabalhadores haviam abandonado as ferramentas para empunhar o fuzil. A produção ficara paralisada. Ao término das lutas de ruas, os libertários não podiam esquecer uma das premissas transformadoras de seus grandes teóricos:

"No dia seguinte ao da Revolução, a primeira tarefa é alimentar o povo. Um povo faminto está sempre a mercê de qualquer aventureiro demagógico". (Peter Kropotkin, A Conquista do Pão).

Assim, a primeira medida foi organizar a distribuição de alimentos de primeira necessidade. Criaram-se organismos denominados: COMITÊS DE ABASTECIMENTO, situados nos bairros e compostos de revolucionários que permaneciam armados.

Também nos bairros foram organizadas as primeiras cantinas comunitárias. Os alimentos foram requisitados dos armazéns e arredores da cidade.

Assim, antes da produção foi organizada a distribuição.

Os COMITÊS DE ABASTECIMENTO concentravam em grandes silos produtos do comércio particular. As equipes móveis dos COMITÊS percorriam as hortas situadas nos arredores da cidade e das regiões vizinhas realizando intercâmbio de produtos e requisições. Foi deles que partiram as primeiras medidas de distribuição e de racionamento. Produtos como leite, galinha, ovos etc., era reservados aos hospitais de sangue e outros. Primeiramente era atendidos os feridos na luta. Também tinham prioridade crianças, velhos e mulheres.

Inicialmente, colocou-se em prática o intercâmbio livre com os provedores: artigos industriais eram trocados por alimentos, sem valorização estrita.

As requisições efetuavam-se por intermédio de "vales" e recibos passados sem formalismos legais, que o comerciante ou provedor requisitado arquivava zelosamente.

As organizações compreenderam que necessitavam armar-se e reservaram dinheiro apreendido (nas igrejas, conventos, mansões da classe dominante, etc.) para adquirir armas no exterior, principalmente quando ficou patente o desinteresse do Governo central a este respeito.

Seguiram-se as encampações de edifícios para alojar convenientemente os sindicatos, seguindo-se a pauta dos organismos oficiais.

A 28 de julho, a Federação Local dos Sindicatos de Barcelona, após reunião plenária, dava por terminada a greve geral e aconselhava aos trabalhadores que se reintegrassem nas fábricas e serviços habituais. Ficavam isentos os componentes das milícias armadas e os retidos por suas funções nos organismos revolucionários. Cada sindicato se apressou em cumprir o acordo.

A máquina econômica voltou a funcionar, porém sob forma de gestão direta dos sindicatos (autogestão).

Os operários, ao se reintegrarem aos centros de produção, apropriaram-se dos mesmos, com amplo sentido revolucionário no aspecto econômico. Facilitava essa apropriação o fato de muitos proprietários e patrões terem abandonado seus estabelecimentos, por se terem ocultado ou fugido em direção ao inimigo. Outros estavam detidos e finalmente uns quantos executados.

A AUTOGESTÃO dos centros de produção foi ato espontâneo dos trabalhadores da CNT.

Os que haviam arriscado a vida nas lutas de rua não poderiam retornar às empresas nas mesmas condições em que as haviam abandonado.

Nessas empresas, onde drapejavam as bandeiras vermelhas e negras da CNT formaram-se Conselhos de Gestão, compostos de operários e técnicos, eleitos em assembléa geral no próprio local de trabalho, com mandatos revogáveis a qualquer momento, e que se destinavam a coordenar a produção e o funcionamento eficaz dos serviços.

Os sindicatos da CNT estavam organizados industrialmente desde 1918 e a partir de 1931 trabalhava-se para a formação de federações nacionais de indústrias. Essa preparação, facilitou seu aproveitamento às necessidades revolucionárias. Os centros de produção de uma indústria constituíam empresas que o sindicato respectivo unia entre si. Cada empresa burguesa encampada se convertia ao sistema de AUTOGESTÃO, regida por operários e técnicos mais capacitados, que deliberavam em assembléas nos locais de produção.

Os serviços de transporte urbano foram encampados a 25 de julho e as centrais de serviços de água e energia elétrica o foram no dia seguinte. Na mesma data, os metalúrgicos. Os ferroviários tornaram pública a decisão autogestionária sobre as estações, redes e trens, no dia 21 de julho.

A encampação das empresas de capital estrangeiro apresentou inconvenientes e finalmente optou-se pelo "Controle Operário", que se estendeu às contas correntes das organizações. Elas não podiam retirar seu numerário dos bancos sem o visto prévio do Comitê de Controle, que vigiava as operações. Foi imposta a dispensa de altos funcionários que pudessem sabotar a produção. Em muitas dessas empresas estrangeiras tinha participação o capital espanhol, como SAIS POTÁSSICAS ESPANHOLAS e SOCIEDADE ESPANHOLA DE CONSTRUÇÕES.

As indústrias do tipo monopolista, como a Campsa, filial dos trustes internacionais do petróleo, também foram encampadas.

A AUTOGESTÃO tomou em algumas indústrias proporções amplas. Estendeu-se por regiões, abrangendo, algumas vezes, desde as fontes de matérias primas até a manufatura. A este gênero de AUTOGESTÃO denominou-se, na época, indústrias socializadas. Um exemplo desse tipo de empreendimento foi o Sindicato de Madeiras de Barcelona. Abrangia uma coletividade desde o corte dos bosques de madeiras, as fábricas, até os locais de venda. As pequenas oficinas foram fundidas para formarem grandes fábricas denominadas "Oficinas Confederais", com o que se obtinha o máximo de rendimento das máquinas e mão-de-obra.

Outra indústria autogestionada foi a de panificação. Como em toda a Espanha, em Barcelona se fabricava o pão em centenas de pequenas panificações, quase sempre covas subterrâneas, úmidas e tenebrosas, viveiros de ratos e baratas. O trabalho era noturno.

Estes antros anti-higiênicos foram abandonados e se intensificou a produção de fornos modernos, em locais amplos e arejados.

De tipo similar foi a coletivização da rede ferroviária que abrangia Catalunha e Aragão. As encampações de indústrias era realizadas pela CNT.

Os patrões expropriados, que não tinham contas a saldar com os operários, eram mantidos nos locais de produção como trabalhadores ou como técnicos. Gozavam dos mesmos direitos e deveres que seus companheiros de trabalho.

A indústria têxtil catalã tinha se estabelecido com capitais familiares e esteve dependente do protecionismo bancário, pois os tecidos de lã de Barcelona e Sabadell não podiam competir com as fazendas inglesas.

Compreende-se facilmente que a Revolução teve que se chocar com os tubarões do comércio internacional. Repetiam-se as reclamações consulares e barcos de guerra inglesas insinuavam movimentos frente à Barcelona.

A auto-sugestão se incrementava espontaneamente ao findar a greve geral e ao reintegrar-se os trabalhadores nos centros de produção. Os sindicatos fazendo eco estudavam amplamente o fenômeno em suas reuniões ou planos.

A Federação Local dos Sindicatos de Barcelona, em agosto, tratou de canalizar o movimento autogestionário. Para as empresas que, por diferentes razões, não era possível a coletivização instituiu-se o "Controle Operário", que consistia em vigiar estritamente os movimentos da direção patronal, no duplo aspecto da fiscalização e da informação. Os "Comitês de Controle", instalados nestas fábricas, anexos ao pessoal administrativo, tinham por objetivo conhecer o estado econômico das empresas.

As formas autogestionárias de organização da produção, distribuição e administração, eram difundidas às demais regiões lideradas ou nasciam espontaneamente, quase sempre influenciadas pelo ativismo anarquista.

A expansão esteve condicionada pela resistência dos setores políticos, que lam das reservas mentais à oposição mais decidida. Entre esses elementos de freio destacava-se a impermeabilidade do Governo central.

A AUTOGESTÃO nas Astúrias teve efetividade na indústria da pesca, a segunda em importância na região. Também se autogestionou as indústrias de derivados, como fábricas de conserva de peixe.

Nas povoações do interior criaram-se cooperativas de distribuição que se federaram em um organismo denominado Conselho de Cooperativas Provincial.

Aboliu-se a moeda entre os pescadores. As necessidades familiares eram supridas mediante a apresentação de um carnê de produtores e consumidores. Os produtores entregavam suas mercadorias e recebiam em troca os carnês. Um sistema similar se efetivava em Santander.

Em Valência, um plenum de sindicatos (dezembro de 1936) elaborou normas de autogestão a fim de evitar que a autogestão parcial degenerasse, com o tempo, numa espécie de cooperativismo burguês.

Nos locais onde não foi possível a abolição da moeda e do salário verificou-se a adoção do salário familiar, estabelecido pelas necessidades do indivíduo e acrescido de 50% para o primeiro familiar que tinha mais de 16 anos.

#### AUTOGESTÃO AGRÁRIA

No dia 19 de julho de 1936 formaram-se Comitês Revolucionários nos povoados onde havia sindicatos da CNT. Estes organismos efetuaram as primeiras expropriações de terras, ferramentas e produtos.

As terras expropriadas foram entregues aos sindicatos camponeses, que organizaram as primeiras Coletividades.

Os pequenos proprietários foram respeitados, sempre que não empregassem mão-de-obra assalariada, cultivando a terra com seus braços e a ajuda de familiares.

Nas zonas tradicionais de pequena propriedade e parceria, como na Catalunha, a terra estava muito dividida. Assim, muitas coletividades de autogestão se formaram juntando os militantes da CNT suas próprias terras, animais, aves, gado, sementes e ferramentas.

Os camponeses que nada possuíam eram admitidos nas Coletividades com os mesmos deveres e direitos que os demais.

Em alguns povoados, o Comitê Revolucionário desapropriou grandes latifúndios. Uma assembléa de lavradores, da qual participavam todos do povoado, encarregou-se de repartir a terra entre os coletivistas.

A área de autogestão variava segundo a densidade populacional e a significação política dos coletivistas. Por exemplo, Coletividade de Camponeses de Barcelona abrangia 1.000 hectares de hortas divididos em várias zonas. A Coletividade de Hospitalet de Llobregat tinha uma superfície de 15 quilômetros quadrados. Em Sueca (Valência), cultivou-se arrozais e laranjais. Em Brihuega (Alcaría) estava coletivizada toda terra disponível à agricultura.

No seio da coletividade, a organização do trabalho era na base de grupos, representados por um delegado que cumpria as jornadas com os demais.

Após as jornadas, os delegados se reuniam com a Comissão Administrativa a fim de traçarem os planos da jornada seguinte. Os delegados e os membros da Comissão Administrativa eram nomeados pela Assembléa Geral, que era soberana em todas as questões importantes.

Todos trabalhavam de acordo com sua capacidade física. Os dias perdidos por doença eram considerados (Cuenca) como dias de trabalho.

Da produção da coletividade, uma parte se destinava às suas necessidades próprias e o restante era dedicado ao mercado externo, para intercâmbio diretamente ou por organismos federais que se iam criando.

Em Barcelona, a Coletividade Camponesa abriu postos de venda, porém, ao ficar coletivizado o Mercado Central de Frutas e Verduras, a distribuição evoluiu para ali.

Os coletivistas se abasteciam nas respectivas cooperativas, que eram em geral grandes armazéns, com freqüência, igrejas ótimas por seu tamanho. Quanto ao abastecimento familiar, variavam as modalidades.

Em Lerida as famílias camponesas estavam de posse de uma caderneta de consumo, na qual se marcava o montante dos artigos retirados do armazém coletivo. Em Montblanc, compravam-se artigos com dinheiro próprio da coletividade, em outros povoados retirava-se dos armazéns o que era necessário, sem qualquer controle burocrático. Em outros, a distribuição se fazia em troca de vales. Em Llombay (Castelón), os alimentos eram distribuídos na base de certa quantidade por família.

Havia alimentos como verduras e frutas que eram entregues em quantidades abundantes aos membros da Coletividade. O sistema de autogestão eliminou o intermediário, o pequeno comerciante, o atravessador. Assim, os produtos se tornaram mais baratos para o consumidor.

O intercâmbio de produtos entre as coletividades em autogestão realizavam-se sem dinheiro. Entre as Coletividades do Aragón não se reparava muito entre dever e haver. Colanda trocava azeitona por tecidos das fábricas de Barcelona.

Alguns serviços, como barbearia, cinema, escola, eram inteiramente gratuitos.

A preocupação cultural e pedagógica, aliás, era uma obsessão e um acontecimento sem precedentes no campo espanhol. Os coletivistas de Amposta organizaram classes para adultos semi-analfabetos, cantinas escolares e até uma escola de Artes e Ofícios. A escola de Serás estava à disposição de todos os vizinhos, fossem ou não coletivistas. A escola criada pela Coletividade de Calanda possuía 1.233 crianças e a de Alconiza 600.

Em todos os planos (local, regional, nacional), a CNT procurava assegurar um controle, criando anexos relacionadores econômicos e sindicais paralelos para evitar que as coletividades, que, sendo econômicas, eram sua melhor força política, caíssem no centralismo minifundista. Daí serem postas em prática as federações comerciais e regionais, no duplo aspecto econômico e sindical.

As coletividades em autogestão foram gradativamente aumentando seu raio de ação com ampliações de indústrias complementares, padarias, barbearias, carpintarias, granjas, ferrarias etc.

A Coletividade de Graus era famosa por seu modernismo. Possuía duchas para animais e melos científicos para tratamento das enfermidades do gado. Havia ali 6 mil animais das mais variadas espécies.

A Coletividade de Amposta dispunha de 14 tratores, 15 trilhadoras e 70 cavalos de tração. A Coletividade de Alcániz possuía nove prensas para azeite, três moinhos para trigo e uma central elétrica.

O sistema de cantinas populares generalizou-se, inclusive nas cidades. Porém, a tendência para uma certa privacidade começou a por em voga o que se denominou salário familiar. Apresentou-se o problema dos solteiros que não estava vinculados a nenhum lar. Em Lerida, o solteiro recebia 50 pesetas, sendo descontadas 25 pesetas pela Cantina Popular. Em Oriol, passou-se da caixa comum ao salário familiar.

Em muitas coletividades não se pagava com dinheiro do Estado. Em Peñalba foram adotadas medidas rígidas para impedir o acúmulo de dinheiro. Em Serós, os solteiros tomavam suas refeições na Cantina Popular e se lhes abastecia de roupas limpas. Ao contraírem matrimônio a Coletividade cobria os gastos com a instalação do novo lar.

O regime de relações internas entre as comunidades era essencialmente libertário. Em Hospitalet de Llobregat celebrava-se Assembléa Geral a cada três meses para que fosse estudada a marcha da produção e atendidas novas necessidades. Na ocasião, o Conselho de Administração apresentava o estado das contas. Em Ademuz, as assembléas eram realizadas todos os sábados. Em Alcala de Cinca, sempre que houvesse necessidade.

Os coletivistas prestavam grande atenção ao aspecto médico-sanitário, que era um serviço gratuito. A Coletividade de Masroig pagava anualmente a um médico para que fossem atendidos os associados. Em Peñalba, o médico e o veterinário eram membros integrantes da Coletividade.

As Coletividades absorviam também grande parte dos evacuados das linhas de frente. O abastecimento voluntário das frentes de luta, aliás, foi outro aspecto de solidariedade autogestionária. Utiel enviou, de uma só vez, 1.490 litros de azeites e 300 arrobas de batatas à frente de batalha de Madrid. Outra vez milhares de quilos de trigo, arroz, etc. Perales de Tajuña enviou grandes quantidades de pão, azeite, farinha e batatas.

No início, ingressava-se nas coletividades sem outros requisitos. Em outros casos, o aspirante a coletivista tinha que entregar seus bens: terras, ferramentas, animais etc. Tudo era registrado e avaliado. Uma vez dando baixa de suas atividades, o interessado recebia seu patrimônio de volta em pesetas. Em Ademuz, a entrega à coletividade era um ato voluntário. Em outras, o candidato era admitido com os seus bens.

Aos infratores das normas autogestionárias, se os admoestava primeiramente; em caso de reincidência, o assunto era apresentado à assembléa geral. Só esta podia decidir sobre sanções.

A relação federativa entre as coletividades autogestionárias eram de duas ordens: como camponeses ou como libertários, estavam filiados ao Sindicato de Camponeses da CNT ou à Federação Anarquista Ibérica (FAI), de onde recebiam as orientações sindicais ou ideológicas; porém, como coletivistas estavam aderidos à Federação Regional de Coletividades.

A Federação Regional de Coletividades de Aragón tinha por missão defender os interesses dos coletivistas, propagar as vantagens da coletivização baseada no apelo mútuo; criar as granjas de experimentação e assessorar aos agricultores na capacidade de produção; formar equipes técnicas com vistas a uma produção agropecuária de maior rendimento; fixar condições de intercâmbio com o exterior, estabelecendo estatísticas de produção e uma caixa regional para fazer frente às necessidades de ordem financeira. A Federação atenderia também à instrução e à cultura geral dos associados por meio de conferências, cinema, teatro e outros meios de educação.

A revolução agrária da CNT e do anarquismo, em que pese a forte oposição do governo central e a ação nefasta dos agentes estalinistas russos (que tudo fizeram para destruir essa obra construtiva libertária), foi um marco sólido, um caminho exemplar e perdurável no mundo das transformações sociais práticas.

JOSÉ PEIRATS

# AUTO GESTÃO IV

## Vietnã reinventa uma velha política: nacional-racismo

Antônio Carlos Pacheco

Os movimentos progressistas do mundo inteiro assistem, mais uma vez, ao espetáculo dançante que lhes é propiciado pelos países comunistas: o drama dos "boat people" (povo dos barcos).

Não há socialista que não se pergunte hoje, o porquê de o Vietnã oferecer tantos argumentos simultâneos à direita internacional. Sim. O que países como Vietnã, Cuba, URSS e China estão fazendo, é justamente a desmoralização da proposta socialista como um todo.

Desde o final da Guerra do Vietnã, com a vitória dos comunistas sobre os imperialistas americanos, em 1975, que começou o êxodo de milhares de pessoas da Indochina. Já se contam hoje mais de 2 milhões de indochineses que saíram da região à força.

Os primeiros saíram com medo das represálias que as novas autoridades comunistas iriam tomar, e estes, até mesmo correndo o risco de serem considerados desumanos, justificam-se até certo ponto que tenham partido. Não iriam mesmo se adaptar às novas condições.

Mas a situação começa a se agravar quando ocorre a invasão do Kampuchea Democrático (Camboja) pelas 11 divisões de elite (110 mil soldados) do Exército do Vietnã ("O Invencível", segundo Hanói). Quando o governo títere de Heng Samrin toma posse de Phnom Penh em janeiro deste ano, é o sinal para que quase 100 mil cambojanos se refugiem em território da vizinha Tailândia. Mas para atravessar a fronteira, o soldado vietnamita invasor exigia uma compensação financeira para deixar as levadas de refugiados prosseguirem a pé em direção ao exílio. Este comércio vergonhoso foi aos poucos detido pelos comandantes militares das forças de ocupação do Camboja. Mas logo se reiniciaram no próprio Vietnã.

### REPATRIANDO À FORÇA

Os refugiados cambojanos na Tailândia ficaram alojados em campos em péssimas condições de higiene e conforto. Mas temendo as pressões militares que os vietnamitas já estavam fazendo na fronteira laosiano-tailandesa e khmer-tailandesa, as autoridades de Bangkok resolveram repatriar à força os refugiados no último mês de junho. Escortados por soldados armados, os cambojanos tiveram que se internar no Sudeste do Camboja sem alimentos e sem transporte, andando a pé dezenas e dezenas de quilômetros, muitos morrendo pelo caminho de doenças epidêmicas e fome.

Pouco depois o mundo tomava conhecimento de problema mais grave. O que já vinha ocorrendo há quatro anos esporadicamente, tornou-se um drama diário: os refugiados do Vietnã.

Depois da guerra entre Pequim (Beijing) e Hanói, do último mês de fevereiro, as disputas nacionalistas seculares entre estes dois países



Depois do mar, os vietnamitas são cercados por arame farpado; Auschwitz no Sudeste Asiático.

comunistas da Ásia (bota dialética pra explicar o conflito) se acirraram e o Vietnã se viu na contingência de expulsar os vietnamitas de ascendência chinesa. A expulsão não se daria claramente. Os descendentes de chineses que tinham o controle do pequeno comércio no antigo Vietnã do Sul, foram coagidos pelas autoridades da Ho Chi Minh (ex-Saigon) a entregarem seus bens para saírem do país ou então irem trabalhar em campos agrícolas.

A "reconstrução socialista do Vietnã" serviu de pano de fundo para esta campanha racista, pois o que Hanói queria mesmo era se livrar desta incômoda raça, que no caso de outro conflito com a China poderia ser uma ameaça interna perigosíssima. O PC vietnamita não levou em conta, nem uma vez, que há chineses de mais de 10 gerações e que são tão vietnamitas quanto Pham Van Dong ou Ho Chi Minh. Se este temor racista tivesse fundamento, então a União Soviética, por exemplo, teria que expulsar os mais de 60 milhões de muçulmanos com medo do ayatollah Khomeini ou os Estados Unidos expulsariam os milhares de eslavos e orientais temendo uma conflagração mundial.

### ARGUMENTAÇÃO NAZISTA

O raciocínio oficial vietnamita é, antes de mais nada, hitlerista, nazista, como o próprio Comitê Central do Partido Comunista da China denunciou na primeira semana de julho, dizendo que o problema "é o novo Holocausto".

A solidariedade internacional no entanto, a despeito do Vietnã ter dito que a campanha em prol dos refugiados ser "uma campanha dos reacionários do mundo inteiro" (usando velhos

jargões que não atemorizam nem meninos de diretório acadêmico latino-americano), tem sido efetiva: na França intelectuais e artistas se uniram numa grande coleta de fundos para acudir as vítimas. Entre eles se conta o filósofo anarquista Jean-Paul Sartre e sua companheira, a feminista Simone de Beauvoir; o teatrólogo Eugène Ionesco; o cientista Paul Milliez; filósofos como André Glucksmann, Bernard-Henry Lévy e Jean-Marie Benoist; além dos dissidentes escritores Paul Goma (Romênia) e Vladimir Bukovski (URSS); o violonista Mstislav Rostropovich; revolucionários de Maio de 68, como Alain Geismar, e até Brigitte Bardot, que se transformou em militante ecologista.

Nos Estados Unidos, a campanha está sendo liderada pela ativista e cantora Joan Baez, que na década de 60 era tachada de "militante comunista" pela CIA e FBI, como hoje é tachada de "agente da CIA" pelas esquerdas esquivoas e desestruturadas. Baez tem feito shows beneficentes junto a outros cem artistas e intelectuais americanos em prol dos órfãos, mulheres grávidas e velhos que estão na leva dos fugitivos do Vietnã.

Enfim, hoje ninguém mais teme ser estigmatizado por comitê central de partido marxista algum e o mundo inteiro se levanta numa solidariedade irrestrita às vítimas do governo marxista do Vietnã, desde a própria China comunista até intelectuais de extrema-esquerda. Porque, apesar da arraia miúda marxista insistir que o Vietnã é socialista, cabe lembrar John Locke: "constitui escasso conforto para o oprimido saber que o opressor está movido por boas intenções."

## Nem tudo que reluz é ouro

Não poderíamos fechar esta edição sem antes dar um merecido pau no movimento que derrubou o ex-xá do Irã e colocou no poder em Teerã os autoproclamados "revolucionários islâmicos".

Pahlevi era uma fascista, disso ninguém duvida e os crimes e as torturas de que foram vítimas seus inimigos políticos, testemunham o caráter autoritário e repressivo de seu regime. No entanto, quando aparecer o ayatollah Khomeini para liderar a derrubada de Pahlevi, uma boa parte da esquerda oficial festeja o acontecimento.

Os trotskistas principalmente, como o partido da atriz Vanessa Redgrave, celebraram em Londres o advento dos "revolucionários islâmicos". Agora todo mundo está voltando atrás (porque as análises mirabolantes deste tipo de esquerda são sempre loucas). Por que? Porque o mesmo Khomeini mandou prender vários ativistas do Partido Socialista dos Trabalhadores (trotskista) no Irã, mostrando que, em verdade, seu regime difere pouco ou nada do do xá.

Fuzilando homossexuais às dezenas, fustigando com chicote as mulheres, prendendo militantes de esquerda e mandando sua Polícia atirar contra manifestações autonomistas de curdos, árabes e turcomenos, o Irã dos "revolucionários islâmicos" mostrou ser apenas, mais um regime reacionário que se implanta com a ajuda do povo, iludindo-o ideologicamente.

Tolos são os que acreditaram (a esquerda autoritária em geral) que, só porque o ayatollah reluzia, ele era ouro. O discurso dele era um, no poder é outro; porque o poder é que deve ser destruído.

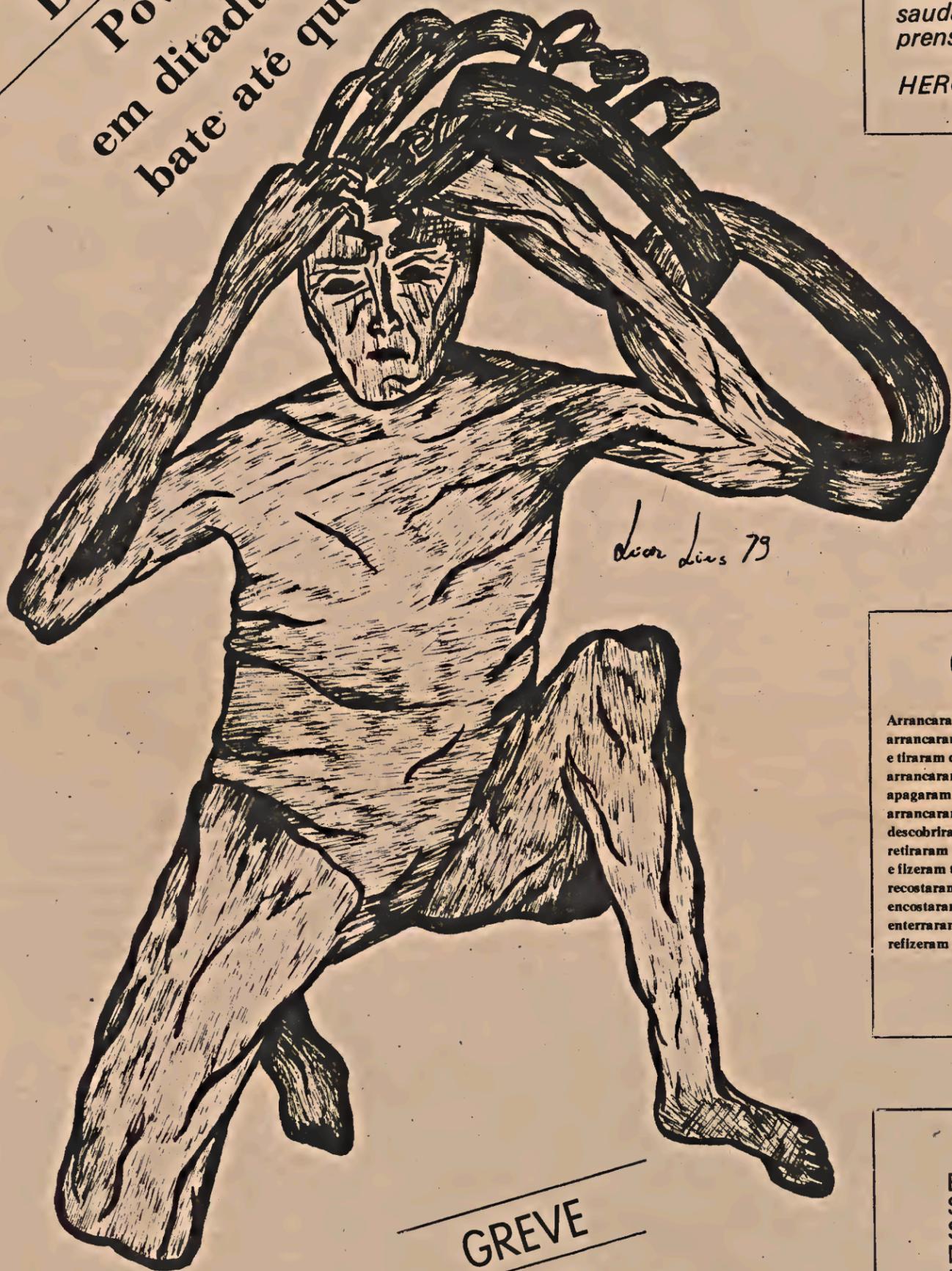
E para provar que o risco de estar no poder é a eterna previdência para o dia em que se irá cair pela revolução popular genuína, o ayatollah Khomeini fez como o ex-xá: antes de voltar a Teerã em fevereiro passado, comprou uma mansão gigantesca nos arredores de Paris por 1 milhão e 660 mil francos. Afinal, nunca se sabe o dia de amanhã e um tirano prevenido vale por dois...



As vítimas do "pogrom" vietnamita depois de seu barco afundar. Por que o Vietnã não anistia seus perseguidos políticos?

**DITADURA**

Povo mole  
em ditadura tanto  
bate até que fura



**GREVE**

Opera  
espera  
separa  
repara  
apara  
para  
pára

## COTIDIANO

bater o cartão  
saudar o patrão  
prensar o botão  
bater o patrão  
saudar o botão  
prensar o cartão  
bater o botão  
saudar o cartão  
prensar o patrão

HERCULANO VILAS-BOAS.

Criança, ano I.

Recado do papai:

Piaget, Summerhill,

Montessori? Mentira:

todas amordaçadas

ao vira-latas de Pavlov.

## CONSTRUÇÃO

Arrancaram o teu grito, tua boca, tua arte  
arrancaram tua língua, teu gesto, teu suspiro  
e tiraram de tua face os teus olhos, teus ouvidos,  
arrancaram teu coração.  
apagaram tua mente, teu porte, tua letra,  
arrancaram tua face, teus grilos, teu drama,  
descobriram tua façanha.  
retiraram do teu corpo todo o eco, toda a trama  
e fizeram teu vazio, teu rio, tua cama  
recostaram na parede de vidro a tua casa sofrida  
encostaram na parede o sorriso, teu sufoco  
enterraram teu riso, teu sonho, teu corpo  
refizeram a tua estátua-mágica de um morto.

Nilma Damasceno

## CORRIDA

Eles se esguelam  
Se melam  
Se atrelam  
Na corrida  
Do dia  
Fantasia!

Eles se imputam  
Se disputam  
Se chutam  
Na tomada  
De Brasília  
Maravilha!

Nelson Serathiuck  
Lausanne, ABRIL/79.